

Um Mundo de Subornos?
Como a História da Corrupção pode
fundamentar uma releitura da
Reforma Gregoriana

*A World of Bribes? Rethinking the
Gregorian Reform Through the Lens of the
History of Corruption*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v13i30.59843>

Leandro Duarte Rust

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-7410-1635>

leandro.rust@unb.br

Resumo

A assim chamada Reforma Gregoriana é uma referência temática modelar para a historiografia. Descrita como a matriz dos significados históricos assumidos pela Igreja Católica desde o ano 1000, a “Reforma Gregoriana” preserva, hoje, uma feição conceitual superlativa e modernizante, quer seja formulada como a crise que pôs em movimento um vasto processo de secularização da vida política ou a revolução que moldou as identidades coletivas e as relações sociais ocidentais. Este artigo apresenta uma proposta de releitura desse fenômeno e o faz através da seguinte hipótese de trabalho: que os atores e ideólogos do papado estabelecido em meados do século XI teriam sido norteados por uma lógica de maleabilidade do poder decisório e contínua negociação dos parâmetros reformadores a ser adotados no curso das ações eclesiais. Esses aspectos adquirem nitidez quando a “Reforma” é examinada à luz de teses formuladas especificamente pela e para a História da Corrupção, como aquela elaborada por John T. Noonan Jr. a respeito da importância da simonia para a percepção da corrupção como fenômeno social. Priorizando alguns dos principais registros narrativos sobre governo pontifício de 1050 a 1100 e submetendo-os a uma Análise de Discurso baseada em premissas fixadas por Ernesto Laclau, este artigo inscreve o conceito de “tempo da corrupção” como fulcro de uma releitura da “Reforma Gregoriana”.

Palavras-chave

Reforma Gregoriana, História da Corrupção, Política no Século XI

Abstract

The so-called Gregorian Reform serves as a paradigmatic thematic reference in historiography. Often described as the foundational matrix of the historical meanings assumed by the Catholic Church since the year 1000, the “Gregorian Reform” continues to carry a modernizing and superlative conceptual status, whether understood as the crisis that initiated a vast process of political secularization or as the revolution that shaped Western collective identities and social relations. This article proposes a reinterpretation of the phenomenon based on the following working hypothesis: that the actors and ideologues of the papacy, as established in the mid-eleventh century, operated according to a logic of flexible decision-making and ongoing negotiation of reformist parameters throughout ecclesiastical action. These dimensions become more apparent when the “Reform” is examined in light of arguments developed specifically by and for the History of Corruption—such as John T. Noonan Jr.’s thesis on the role of simony in the social perception of corruption. Focusing on key narrative sources concerning papal governance between 1050 and 1100 and employing a Discourse Analysis approach grounded in the theoretical premises of Ernesto Laclau, this article introduces the concept of a “time of corruption” as a central axis for reinterpreting the Gregorian Reform.

Keywords

Gregorian Reform, History of Corruption, Politics in the 11th Century

Simonia: a efetiva moldura da existência da corrupção

Quanto à certeza de que é preciso pôr em prática conceitos e métodos específicos para produzi-la, a História da Corrupção é dada a conhecer como uma novidade do século XXI.¹ Mas, ainda que tenha obtido recentemente a credencial de especialidade científica, essa modalidade de compreensão do passado dispõe de um vasto acervo de conhecimento, acumulado graças a gerações de esforços intelectuais. Nele estão registrados os resultados reunidos por estudos de admirável relevância, conclusões repletas de desdobramentos que permanecem por verificar – embora os livros e os artigos científicos que os contêm sejam muito pouco lembrados nas bibliografias levadas em conta hoje em dia por grande parte dos pesquisadores. Eis precisamente o caso de *Bribes: The Intellectual History of a Moral Idea*,² obra publicada em 1984 pelo filósofo e jurista estadunidense John Thomas Noonan Jr. Graças aos olhos de águia de uma erudição perspicaz, Noonan alçou voo sobre imensas distâncias no tempo e no espaço na busca por refazer o longo itinerário trilhado pela ideia de suborno, partindo de sua formulação primordial segundo a moralidade econômica que predominou no Crescente Fértil há quatro mil anos até pousar, oitocentas páginas depois, no platô onde o frágil corpo da ética antissuborno professada pelas democracias durante a

¹ “A história da corrupção na Época Moderna é, hoje, um domínio de reflexão e investigação consolidado, dotado de temas, métodos e problemas próprios e bem definidos – resultado de um percurso autônomo em relação às disciplinas da Sociologia e da Ciência Política. Nas últimas décadas, sobretudo na Espanha, ela tem assistido a um vigoroso movimento de renovação de suas perspectivas teóricas, com a superação das abordagens tradicionais que, no século passado, produziram leituras moralizantes e estereotipadas.” In: Adriana Romeiro, *Ladrões República: corrupção, moral e cobiça no Brasil, séculos XVI e XVIII* (Fino Traço, 2023), 21. A avaliação formulada a respeito da escrita da história da corrupção na Época Moderna se estende, grosso modo, ao estudo do tema nas sociedades pré-capitalistas, como ilustra a maneira com os organizadores de recente coletânea apresentam os capítulos aí reunidos – e que têm por tema a anticorrupção na Antiguidade e na Idade Média – como representativos de um historical turn ocorrido na aurora do século XXI: Ronald Kroeze, André Vitória e Guy Geltner, ed., *Anticorruption in History: from Antiquity to the Modern Era* (Oxford University Press, 2018), 3-4. Em textos mais recentes, esse historical turn adquire uma periodização mais precisa: os últimos quinze anos: Mihai Vasile Olaru, “Notes on the Historical Study of Corruption”, *Studia Universitatis Babeş-Bolyai – Historia*, 68, n. 1 (2023), 115-130. Para um exame a respeito dos fundamentos epistêmicos desse divisor das águas historiográficas – particularmente, quanto à escrita da história da Idade Média Latina –, ver: Leandro Duarte Rust, “A ‘corrupção’ na escrita da História Medieval: os desafios de um efeito de sustentação discursiva”, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 15, n. 38 (2022), 201-230.

² John T. Noonan Jr., *Subornos*, trad. Elsa Martins (Bertrand Brasil, 1989).

Guerra Fria ficara enroscado em uma mata fechada de arbustos repletos de espinhos da contradição – ou “hipocrisia”, conforme o próprio autor por vezes preferiu cravar. E entre as muitas paisagens avistadas, uma despertou em Noonan atenção especial: a Idade Média europeia.

Na verdade, trata-se mais especificamente do mundo latino da segunda metade do século XI. Pois foi graças a um duradouro movimento religioso que aí teve lugar, a assim chamada “Reforma Gregoriana” – destacou o autor –, que a ideia de suborno ganhou uma definição concisa, que lhe proporcionou maior difusão cultural, tornando-a familiar a todo o conjunto social na medida em que a recortava com precisão e separava com praticidade de uma babélica justaposição de nomes comuns, dos numerosos sinônimos que rotulavam certas condutas: “os gregos tinham tido *dorodokias* para indicar o suborno genericamente; os latinos não tinham a palavra. Então, pela primeira vez, um termo adequado e específico descrevia o uso de subornos para comprar o espírito.”³ O ato de subornar tornou-se mais nítido e palpável quando passou a ser enunciado pela palavra “*simonia*”. Nome ancestral, buscado junto ao Novo Testamento – afinal, simonia era a denominação tradicionalmente aplicada à ação de barganhar dons espirituais, comportando-se como Simão, um mago de Samaria descrito no *Atos dos Apóstolos* (8: 9-24) oferecendo prata ao apóstolo Pedro em troca do poder de ser capaz de conferir o Espírito Santo com as próprias mãos –, mas que alcançou maior evidência, abocanhando parcelas cada vez maiores da legislação imperial e da literatura cristã, no século IV, quando dispararam os registros da obtenção de posições eclesiásticas por meio da influência política, do clientelismo, de favores e da

3 Noonan Jr., *Subornos*, 187-188. O argumento de que a ideia de simonia, como formulada a partir do século XI, foi elevada à posição de enunciado primordial do “suborno” e que, por isso, tornou-se esteio de um uso frequente, que, por sua vez, modelou uma especialização discursiva diversa do que vigorara nas culturas normativas formadoras da “tradição jurídica ocidental”, pode ser encontrado em longa lista de autores, que estariam representados em um estudo como: Manuel Ganarin. “Simonia e Gratuità delle ‘Res Spirituales’ nel Diritto della Chiesa e nel Magistero di Dante tra Storia e attualità”, em *Dante e Diritto: un cammino tra storia e attualità*, ed. Federico Casolari, Alessia Legnani Annichini e Giorgio Spedicato (Mucchi Editore, 2002), 81-106. Porém, cabe ressaltar que a afirmação formulada por John Noonan é, na realidade, um tanto simplista. De fato, os gregos recorriam amiúde a um vocabulário genérico; léxico que, muitas vezes, não permitia distinguir um suborno da concessão, legal e legítima, de um “dom” ou de um “presente”, pois não comunicava sempre uma conotação negativa. Já os romanos possuíam terminologias específicas para essa ideia, especialmente para o suborno eleitoral, que era identificado de maneira muito precisa entre os autores do período republicano, por exemplo, através do uso do termo latino *ambitus*. Ver: Lisa Hill, “Conceptions of Political Corruption in Ancient Athens and Rome”, *History of Political Thought*, 34, n. 4 (2013), 567-569; Yuzuru Hashiba, “Athenian bribery reconsidered: some legal aspects”, *The Cambridge Classical Journal*, 52 (2006), 62-80; Filippo Carlà-Uhink e Marta García Morcillo, “Discursive Constructions of Corruption in Ancient Rome: Introduction”, *Cultural History*, 13, n.1 (2024), 1-11.

transferência de riqueza.⁴ No entanto, a transmissão do termo por diversas épocas e regiões dilatou essa caracterização matricial, já significativamente flexível e capaz de englobar até mesmo os casos mais díspares. Seus desdobramentos se multiplicaram, permitindo usos genéricos e, amiúde, inexatos. A definição de simonia permaneceria elástica por séculos, abarcando uma variedade de condutas relativas não só às formas de ingresso na hierarquia eclesial, mas aos destinos sempre mutáveis impostos à gestão do patrimônio de igrejas e mosteiros, bem como aos ideais imaginados a respeito da disciplina e os modos esperados de padres e monges.⁵ Todo contato encarado como capaz de contaminar a alma com a materialidade, de oferecer risco à saúde espiritual da comunidade ao poluir a integridade interior de seus guias e intercessores, poderia fazer jus à classificação de “simoníaco”.⁶ Mais do que uma mera descrição abstrata, tratava-se de uma acusação que expressava as desigualdades, os privilégios e as subsequentes tensões que os grupos de interesse impunham uns aos outros para reduzir o raio de ação dos rivais na

4 Alberto Ferreiro, *Simon Magus in Patristic, Medieval And Early Modern Traditions* (Brill, 2005); Roberta Rizzo, “Papa Gregorio Magno e la Simoniaca haeresis”, *Augustinianum*, 53 (2013), 195-229; Michele Renee Salzmänn, “Simony and the State: politics and religion in the Later Roman Empire”, em *Late Antique Studies in Memory of Alan Cameron*, ed. William Vernon Harris e Anne Hunnell Chen (Brill, 2021), 198-219; Isabelle Rosé, “Simon le Magicien hérésiarque? L’invention de la simoniaca heresis par Grégoire le Grand”, em *Aux Marges de l’Hérésie: inventions, formes et usages polémiques de l’accusation d’hérésie au Moyen Âge*, dir. Franck Mercier e Isabelle Rosé (Presses Universitaires de Rennes, 2018), 201-238.

5 Sobre a amplitude do conceito antes do século XI: A.J. Maclean, “Simony”, em *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, ed. James Hasting (T&T Clark e Charles Scribner’s Sons, 1920), 11, 525-528; NAZ, Raoul Naz, “Simonie”, em *Dictionnaire de Droit Canonique*, ed. Raoul Naz (Librairie Letouzey et Ané, 1958), 7: 37, 1019-1025; Glauco Maria Cantarella, “Simonie”, em *Dictionnaire Encyclopédique du Moyen Âge*, ed. André Vauchez, Barrie Dobson e Michael Lapidge (Ed. Cerf, 1997), 2, 1441-1442; Rudolf Schieffer, “Simonie”, em *Theologische Realenzyklopädie* ed. Horst Balz et alii. (Walter de Gruyter, 2000), 31, 276-280; Pascal Montaubin, “Simonie”, em *Dictionnaire du Moyen Âge*, dir. Claude Gauvard, Alain de Libera e Michel Zink (PUF, 2002), 1335-1336. Exemplos das divergências que permeavam as compreensões dos “modelos ideais” a que deveria estar submetido o clero medieval encontram-se nas reações e nos protestos dos círculos eclesiásticos a que pertenciam muitos dos que haviam sido condenados como “simoníacos”, como analisado em: Roman Deutinger, “Simonisten rechtfertigen sich: Mittelalterliche Antworten auf den Vorwurf von Simonie”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 120 (2009), 145-159.

6 Amy Remensnyder, “Pollution, Purity, and Peace: aspects of social reform between the Late Tenth Century and 1076”, em *The Peace of God: social violence and religious response in France around the Year 1000*, ed. Thomas Head e Richard Landes (Cornell University Press, 1992), 280-307; Kriston Rennie, *Law and Practice in the Age of Reform: the legatine work of Hugh of Die (1073-1106)* (Brepols, 2010), 125-126.

ampla encruzilhada entre o espiritual e o temporal existente em cada diocese.⁷ Em muitas ocasiões, bastava identificar alguém como ameaça à paz ou à unidade do “corpo místico de Cristo” – isto é, à sociedade cristã – para fulminá-lo com a fama de “simoníaco”.⁸ Contudo, após assumir o controle da Sé de Roma – igreja “mãe” de todas as igrejas, a “cabeça espiritual” da Cristandade, como concordava à época a maioria dos círculos aristocráticos latinos –, uma vez em posse da autoridade dos papas, os reformadores religiosos da segunda metade do século XI modificaram decisivamente a relação existente entre esse nome e a realidade social, conforme insistiu Noonan.

Sob sua liderança, a compreensão a respeito da palavra “simonia” tornou-se mais exigente. Para sacá-la do extenso catálogo de termos reservados às violações eclesíásticas e imprimi-la sobre um caso particular era, agora, necessário atender a um critério preciso: constatar se uma eventual negociação foi selada com dinheiro. Na avassaladora maioria dos registros elaborados pelos “gregorianos”, “simonia” passou a implicar uma operação de compra e venda de bens eclesiais – tanto dos materiais (como o posto de bispo ou uma posição no interior de uma abadia) quanto dos imateriais (como um sacramento ou mesmo uma simples benção). A reverência pelo prestígio, as vantagens semeadas por promessas, as dívidas implicadas por obrigações e serviços pessoais: os diversos meios pelos quais se poderia assegurar controle sobre o que resultava da propriedade e do trabalho simbólico⁹ eclesíásticos refluíram para um opaco pano de fundo do convívio cristão, eclipsados pela virtual

7 Hans Meier-Wecke, “Die Simonie im frühen Mittelalter”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 64, n. 1/2 (1952), 61-93; Charles De Miramont, “Spiritualia et Temporalia: naissance d'un couple”, *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*, 92, n. 1 (2006), 224-287; Lioba Geis, “Kirchenrechtliche Norm und Diozesane Praxis: strategien des umgangs mit simonie in fruhen 11. Jahrhundert”, em *Jenseits des Königshofs: bischöfe und ihre diözesen im Nachkarolingischen Ostfränkisch-Deutschen Reich (850-1100)*, ed. Andreas Bihrer e Stephan Bruhn (De Gruyter, 2019), 177-208.

8 Jean Leclercq, “Simoniaca Heresis”, *Studi Gregoriani*, 1 (1947), 523-530. A amplitude e a multiplicidade normativas do conceito foram exploradas em estudos de significativa qualidade, como: Claudia Bovo, “O combate à simonia na correspondência de Pedro Damiano: uma retórica reformadora do século XI?”, *Anos 90*, 20, n. 38 (2013), 75-101.

9 Compreendo a especificidade da ação social eclesíastica no século XI como uma divisão social do trabalho simbólico, nos termos do célebre estudo “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”. In: Pierre Bourdieu, *Economia das Trocas Simbólicas* (Editora Perspectiva, 1998), 27-98. Mas, é preciso levar em consideração certos cuidados teóricos na aplicação da teoria a um contexto medieval, conforme consta em: Sita Steckel, “Historicizing the Religious Field: adapting theories of the religious field for the study of Medieval and Early Modern Europe”, *Church History and Religious Culture*, 99, n. 3/4 (2019), 331-370.

onipresença do dinheiro como fator flagrantemente inadmissível quanto a acessar uma posição, um rito ou recurso eclesial. Multiplicidade e maleabilidade continuariam a afetar as percepções da simonia. Porém, o fariam como aspectos secundários, amplamente subordinados ao predomínio da ideia de venalidade, da malversação das coisas sagradas causada por aquilo que os romanos, muito antes de Cristo nascer, haviam batizado como “avareza” (*avaritia*) – a fome por moedas.¹⁰ Ao argumentar que a definição “gregoriana” de simonia, por ter conferido concretude à enunciação da corrupção, fixara uma estrutura normativa básica, o núcleo dos padrões intelectuais com os quais as sociedades ocidentais aprenderam a realçar o traçado real de um suborno, Noonan formulou uma tese de grande alcance histórico e que, como tal, pode ampliar o acervo de respostas existentes sobre as características que fazem da corrupção um fenômeno social. E sua pertinência reluz ainda mais quando notamos que tal tese permanece intocada pelas conclusões apresentadas hoje por quem se especializou na investigação do século XI europeu: “o problema colocado pela ‘simonia’ [...] [resultava] da crescente importância do mercado como espaço físico e ideológico no qual o dinheiro se tornou a pedra de toque de todo tipo de valor.”¹¹

10 Quanto ao sentido propriamente monetário da ideia de avaritia no mundo romano: Neil Coffee, *Gift and Gain: how money transformed Ancient Rome* (Oxford University Press, 2017). O predomínio do dinheiro sobre a identificação da fisionomia da simonia por parte dos reformadores do século XI é uma das ideias que mais se aproximam de um consenso historiográfico quando se trata da “Reforma Gregoriana” e pode ser encontrada em todas as obras especificamente dedicadas ao tema referenciadas neste estudo. A seguir, alguns textos notórios, representativos do mesmo corolário: Giovanni Battista Borino, “I decreti di Gregorio VII contro i simoniaci e i nicolaiti sono del sinodo quaresimale del 1074”, *Studi Gregoriani*, 6 (1959-1961), 277-295; Joseph H. Lynch, *Simonical Entry into Religious Life from 1000 to 1260: a social, economic, and legal study* (Ohio State University Press, 1976), 61-106; Maria Lodovica Arduini, “Interventu precii: Gregorio VII e il problema della simonia come eresia. Per una interpretazione metodologica”, *Studi Gregoriani*, 14 (1991), 103-120; Jehangir Y. Malegam, “Pro-Papacy Polemic and the Purity of the Church: the Gregorian Reform”, em *A Companion to the Medieval Papacy: growth of an ideology and institution*, ed. Keith Sisson e Attria A. Larson (Brill, 2016), 37-65; Maria Vezzoni, “La centralità della tematica delle ‘res ecclesiae’ nelle opere dei libellisti di XI secolo: fra elaborazione teorica e azione politica”, *EuroStudium*, 56 (2021), 313-315; Patrick Henriët e Isabelle Rosé, “L’Epistola Widonis: traité anti-simoniaque restitué à Gui d’Arezzo”, *Revue Mabillon*, 33 (2022), 55-71; Caterina Ciccopied, “Symony declensions of a Lemma: the Florentine Case”, em *Krise und Aufbruch. ‘Deutschland’ und ‘Italien’ jenseits des Investiturstreits (ca. 1050- ca. 1130)*, ed. Étienne Dublier e Enrico Faini (De Gruyter, 2025), 67-96; John Moorhead, “The Pope, the archdeacon, and the clergy”, em *The Cambridge History of The Papacy, 2: The Governance of the Church*, ed. Joëlle Rollo-Koster, Robert Ventresca, Melodie Harris Eichbauer e Miles Pattenden (Cambridge University Press, 2025), 66-68.

11 Citações retiradas da seguinte passagem (em uma tradução livre): “The problem posed by ‘simony’ and ‘simoniacs’ becomes even more crucial toward the mid-eleventh century [...]. The increasingly

No arremate do professor de história econômica Giacomo Todeschini está contida uma das certezas mais revisitadas pelos estudos sobre Idade Média nos últimos cem anos: o dinheiro tornou-se nervo da simonia e a simonia, medula espinhal da chamada Reforma Gregoriana.¹² A corrupção monetizou-se. Efeito da “Revolução Comercial” que mudou a face do mundo após o ano mil. Com o cotidiano latino continuamente irrigado por inéditos fluxos

vociferous condemnation of simony in this period signified growing uncertainty and questioning concerning the relation between market values and spiritual values as applied to both tangible and intangible goods. These questions became extremely significant during an age characterized by the evergrowing importance of the marketplace as a physical and ideological space in which money turned out to be the touchstone of every kind of value.” In: Giacomo Todeschini, “Money as Metaphor and Symbol: from the Patristic Era to the Twelfth Century”, em *The Palgrave Handbook of Philosophy and Money*, 1: Ancient and Medieval Thought, ed. Joseph J. Tinguely (Palgrave Macmillan, 2024), 653. Ver igualmente: Rory Naismith, *Making Money in The Early Middle Ages* (Princeton University Press, 2023), 47-72.

12 Esse foi um dos principais efeitos paradigmáticos que a obra do francês Augustin Fliche exerceu sobre a historiografia do século XX. Com a publicação da trilogia intitulada *La Réforme Grégorienne*, entre 1924 e 1937, Fliche transformou a chamada “Luta contra as Investiduras” da segunda metade do século XI – tema que dominou a historiografia do século XIX e era, até então, apresentado como repositório dos fatos e processos que definiram as relações entre Igreja e Estados por mais de duzentos anos – em um conjunto de episódios de menor importância, a ser considerados pelos historiadores como os “efeitos colaterais” de enfrentamentos mais profundos, como o combate à simonia. Um dos enunciados mais emblemáticos desse deslocamento historiográfico, contudo, não se encontra em *La Réforme Grégorienne*, mas em um pequeno artigo escrito, provavelmente, enquanto Fliche preparava o último volume da trilogia e que, desse modo, teria sintetizado as conclusões reunidas até então. Eis a frase (em tradução livre): “Pode-se ver aqui mais uma prova deste fato já indicado, a saber, que a condenação da investidura laica, no pensamento de Gregório VII, não é um fim em si mesma, mas um meio possível de erradicar a simonia.” Texto original: “On peut voir là une preuve de plus de ce fait déjà indiqué, à savoir que la condamnation de l’investiture laïque, dans la pensée de Grégoire VII, n’est pas une fin en soi, mais un moyen possible d’extirper la simonie”. In: Augustin Fliche. “Y a-t-il eu en France et en Angleterre une querelle des investitures?” *Revue Bénédictine*, 46 (1934), 286. Quanto ao caráter dominante da leitura flicheana na compreensão formulada por gerações de historiadores e historiadoras sobre a relação entre o Papado e os demais poderes da Cristandade a partir do século XI, ver: Leandro Duarte Rust, *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de um conceito* (EdUFMT, 2013), 25-55. Alguns textos recentes que reproduzem, nesse aspecto, a mirada flicheana: Florian Mazel, “La réforme grégorienne: un tournant fondateur (milieu XIe-début XIIe siècle)”; “La réforme grégorienne: un nouvel ordre social et seigneurial (milieu XIe-XIIIe siècle)”, em *Nouvelle Histoire du Moyen Âge*, dir. Florian Mazel (Seuil, 2021), 291-320; Jean-Hervé Foulon, “La Réforme de l’Église entre Ecclésiologie, Pouvoir et Société (Xe-XIIe siècles)”, em *Église, Société et Pouvoir dans la Chrétienté Latine (910-1274)*, dir. Christine Bousquet-Labouërie e Patrick Henriët (Ellipses Éd., 2023), 39-65. A afirmação de que o combate à simonia era encarado pelos reformadores como a tarefa prioritária no governo da Igreja consta em estudos seminais, como: Giovanni Miccoli, “Il problema delle ordinazioni simoniache e le sinodi Lateranensi del 1060 e 1061”, *Studi Gregoriani*, 5 (1956), 33-81; John Gilchrist, “Simoniaca Haeresis and the Problem of Orders from Leo IX to Gratian”, em *Proceedings of the Second International Congress of Medieval Canon Law*, ed. Stephan Kuttner e John Joseph Ryan (Congregatio de Seminariis et Studiorum Universitatibus, 1965), 1, 209-235; Werner Goetz, “Riforma ecclesiastica – Riforma gregoriana”, *Studi Gregoriani*, 13 (1989), 167-178; Oliver Münsch, “Ein Streitschriftfragment zur Simonie”, *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters*, 62 (2006), 619-627.

de moeda, a disponibilidade de um meio comum, confiável e incomparavelmente eficiente para fazer valores impressionantes mudar de mãos em um único ato alastrou-se, abriu-se para novos atores, multiplicando as possibilidades para persuadir as consciências de que tudo que tornava a Igreja visível podia ter a relevância medida, traduzida e quitada em preço. A monetarização das relações sociais afetou diretamente a compreensão sobre os ardis e abusos cometidos entre o clero, em especial nas paisagens mediterrânicas, onde uma vida social modificada pelo dinheiro de maneira veloz e perturbadora teria moldado os critérios para o julgamento da conduta clerical partilhados por aqueles que se sentaram nos postos-chave do governo papal. Em razão do aumento revolucionário de seu uso para transfigurar tudo o que fora criado por Deus, o dinheiro emprestou novo rosto ao pecado. Publicada por Lester K. Little¹³ em 1971, essa tese foi elevada à posição de paradigma ao receber a chancela de nomes de vulto, como Alexandre Murray,¹⁴ R. I. Moore¹⁵ e Rudolf Schieffer¹⁶, e prossegue orientando a escrita da história com a adesão de autores do calibre de Charles West¹⁷ e Alessandro Recchia¹⁸. As mobilizações “gregorianas” para libertar a Igreja de suas amarras mundanas

13 Lester Knox Little, “Pride Goes before Avarice: Social Change and the Vices in Latin Christendom”, *The American Historical Review*, 76, n. 1 (1971), 16-49. Ver ainda: Lester Knox Little, *Religious Poverty and the Profit Economy in Medieval Europe* (Cornell University Press, 1978), 1-42.

14 Alexander Murray, *Reason and Society in the Middle Ages*, (Clarendon Press, 1978), 50-67. Ver ainda: David D’Avray, “Simony, Penitentiary, Conscience”, em *Popes, Bishops, Religious, and Scholars: studies in Medieval History presented to Patrick N. R. Zutshi for his Seventieth Birthday*, ed. Peter D. Clarke e Michael Robson (Brepols, 2024), 349-362.

15 Robert Ian Moore, *The First European Revolution, c.970-1215* (Blackwell Publishing, 2000); Robert Ian Moore, “The Eleventh Century in Eurasian History”, *Journal of Medieval and Early Modern Studies* 33, n. 1 (2003), 1-21.

16 Rudolf Schieffer, “Geistliches Amt und schnöder Mammon: Zur Bewertung der Simonie im hohen Mittelalter”, *Vorträge und Forschungen: Mediaevalia Augiensia*, 54 (2001), 372.

17 Charles West, “Competing for the Holy Spirit: Humbert of Moyenmoutier and the question of Simony”, em *Compétition et Sacré au Haut Moyen Âge: entre méditation et exclusion*, dir. Philippe Depreux, François Bougard e Régine Le Jan (Brepols, 2015), 347-360; Charles West, “The Simony Crisis of the Eleventh Century and the ‘Letter of Guido’”, *The Journal of Ecclesiastical History*, 73, n. 2 (2022), 229-253.

18 Alessandro Recchia, *Symoniaca Heresis: denaro e corruzione nella Chiesa da Gregorio Magno a Graziano* (Urbaniana University Press, 2022); Alessandro Recchia, “La riforma ecclesiastica e il problema della simonia come eresia: Pier Damiani e Umberto da Silva candidato a confronto”, em *Pier Damiani (1072): figura, aspetti dottrinali e memoria nella diocesi di Velletri*, ed. Francesco Cipollini (Edizioni EVA, 2003), 37-73.

ajustaram o conceito de simonia às dimensões do ato de realizar pagamentos precisos em moeda e da noção mais tangível de lucro pessoal, o que, por sua vez, circunscreveu a corrupção à fraude e ao abuso da autoridade para administrar a Igreja. Foi assim que a ideia de “reforma” – múltipla no léxico, maleável no significado e conflitante em suas repercussões desde o tempo da Patrística¹⁹ – ganhou contornos mais estreitos e firmes: definida como essencialmente antissimoníaca, a “Reforma Gregoriana” surge como a época crucial na qual a *Ecclesia* foi pensada e vivida em função do combate à corrupção.²⁰ A “Reforma” teria deflagrado o árduo e dramático combate da Igreja contra um mundo de subornos. A ênfase de Noonan ecoa intacta pelos principais estudos trazidos a público ao longo dos últimos quarenta anos.²¹

As páginas a seguir incluirão novo argumento à tese de Noonan, a saber, a hipótese de que tão fundamental para a inédita posição institucional ocupada pelo papado do século XI quanto orientar a identificação da corrupção (através da reinvenção da simonia), foi a contínua mobilização discursiva de seus integrantes e partidários para *naturalizar o tempo da corrupção* – um tempo politicamente constituído. Sob esse prisma, igualmente cruciais

foram os esforços para normalizar esta inquietante necessidade imposta pela vida política: fabricar consenso sobre a brusca e aparentemente arbitrária alternância de momentos em que as regras para dizer a corrupção deveriam ser observadas ou esquecidas; persuadir as forças concorrentes a aderir a

19 Karl Morrison, *The Mimetic Tradition of Reform in the West* (Princeton University Press, 1982); Julia Barrow, “Ideas and applications of reform”, em *The Cambridge History of Christianity. 3: Early Medieval Christianities, c.600-c.1100*, ed. Thomas F. X. Noble & Julia Smith (Cambridge University Press, 2008), 345-362; Julia Barrow, “Developing Definitions of Reform in the Church in the Ninth and Tenth Centuries”, em *Italy and Early Medieval Europe: Papers for Chris Wickham*, ed. Ross Balzaretti, Julia Barrow e Patricia Skinner (Oxford University Press, 2018), 501-511.

20 Noonan Jr., *Subornos*, 183-186. A caracterização da luta antissimoníaca como nexos central que conferia concretude às reformas vinculadas à “Reforma Gregoriana” – inclusive, às que contaram com expressiva participação popular – permeia publicações recentes, tais como: Nicolangelo D’Acunto, “Il monachesimo riformato nell’Italia centro-settentrionale dei secoli XI e XII”, *Fragmentaria. Studi di Storia Culturale e Antropologia Religiosa*, 8 (2024), 13-24.

21 A afirmação abrange as referências bibliográficas listadas nas notas n. 10-12, bem como outras que serão arroladas ao longo deste estudo. A ênfase pode ser reencontrada mesmo em obras que apresentem novas narrativas sobre a “Reforma Gregoriana”, como: Greta Austin, “New Narratives for the Gregorian Reform”, em *New Discourses in Medieval Canon Law Research: challenging the master narrative*, ed. Christof Rolker (Brill, 2019), 44-57; Nicolangelo D’Acunto, “Deconstructing/Reconstructing Papal Reform”, em *Rethinking Reform in the Latin West: 10th to Early 12th Century*, ed., Steven Vanderputten (Brill, 2023), 94-109.

certa versão sobre quando a corrupção nascia e morria como fenômeno socialmente tangível, presente. Foi aprimorando coletivamente tal competência que membros e aliados do poder papal dotaram suas decisões de nova eficácia ideológica. Certos parâmetros guiaram o exame dessa hipótese. Em primeiro lugar, a pesquisa seguiu estritamente a seguinte coordenada metodológica: evidências sobre os diversos modos da existência social da corrupção são mais abundantes em registros narrativos. O postulado está baseado nas demonstrações oferecidas pelo antropólogo indiano-estadunidense Akhil Gupta – cujos estudos tornam patente que a corrupção passa a integrar o mundo dos atores sociais não só em razão das características de um ato específico ou do montante da riqueza transferida em uma troca, mas da difusão de discursos que permitam atribuir conotações específicas a intenções e expectativas dos envolvidos, a aceitação ou o escândalo coletivo, a delimitações normativas formais e informais, entre outros fatores²² –, mas, igualmente, nos balanços historiográficos publicados por Rudolf Schieffer²³ e Caterina Ciccopiedi²⁴, em 2001 e 2023, respectivamente. Razão pela qual não há neste artigo espaço reservado ao exame de sermões e tratados, poemas e epístolas, atos sinodais e cânones conciliares, e, conseqüentemente, de documentos célebres como o *Libri Tres Adversus Simonicos*²⁵ e o *Liber Gratissimus*²⁶, cujo apa-

22 Em outras palavras, (em uma tradução livre): “Narrativas de corrupção, talvez mais do que outras formas narrativas, dependem de eventualidade, coincidência e acaso, para servir como mecanismos explicativos tanto quanto para aumentar o valor dramático.” Eis o texto original: Narratives of corruption, perhaps more than other narrative forms, rely on happenstance, coincidence, and chance, both to serve as explanatory mechanisms and to enhance dramatic value. In: Akhil Gupta, “Narratives of corruption: Anthropological and fictional accounts of the Indian state”, *Ethnography*, 6, n. 1 (2005), 6. Marcadores metodológicos também foram formulados a partir de: Akhil Gupta, “Narrating the State of Corruption”, em *Corruption: anthropological perspectives*, ed. Dieter Haller e Cris Shore (Ann Arbor, 2005), 173-174. Neste sentido, baseio-me também em: Ina Kubbe e Annika Engelbert, ed., *Corruption and Norms: why informal rules matters* (Palgrave Macmillan, 2018).

23 Rudolf Schieffer, “Geistliches Amt und schnöder Mammon”, 360.

24 Caterina Ciccopiedi, “La simonia: un bilancio storiografico e nuove prospettive”, *Studi Medievali*, 64 (2023), 347-374.

25 Célebre obra redigida por Humberto, cardeal de Silva Cândida (c. 1015-1061), que conta com uma valiosa edição crítica: Humberto de Silva Cândida. *Libri Tres Adversus Simoniacos*, em *Humberti Cardinalis Libri Tres Adversus Simoniacos*, ed. Elaine Golden Robison. Tese de Doutorado, Princeton University, 1971.

26 Redigido na forma de epístola por Pedro Damiano (1007-1072), influente eremita e cardeal de Óstia, esse tratado disciplinar conta com numerosas edições impressas, publicadas ao longo de séculos; a mais

recimento moldou as expressões jurídicas e teológicas da corrupção eclesiástica – sobretudo, da própria simonia. Em segundo lugar, os resultados alcançados ganharam clareza e rigor analítico sob a luz de uma diretriz teórica específica: o conceito de “significante vazio” – e as premissas necessárias para sua análise nas tramas de um eventual discurso –, tal como definido pelo filósofo argentino Ernesto Laclau.²⁷ As definições e as correlações explicativas atreladas por Laclau ao conceito proporcionaram à pesquisa um vocabulário particularmente adequado e eficaz para conferir maior clareza a aspectos de grande relevância, mas frequentemente implícitos ou indistintos na narrativa documental, tornando mais precisa a formulação de posições interpretativas sobre o tema.

Tais cuidados foram adotados na busca por aprimorar os instrumentos disponíveis para pôr a teste a máxima projetada em *Bribes*: a história do suborno alcança certos nexos intelectuais estruturantes da vida ocidental, uma vez que condicionaram duradouramente as possibilidades e os limites cabíveis ao exercício do poder, incluindo o poder dos papas, em franca ascensão durante a “Reforma Gregoriana”. Passemos, então, ao exame.

Um Santo Satã: quando e como o dinheiro deixa de corromper

Tendo lido que, certo dia, uma “enchente de povo de toda Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e da Sidônia” ouviu dos lábios do próprio Messias que bem-aventurados eram os mendigos, pois seu era o reino de Deus (Lc 6:20)²⁸, muitas almas enxergaram no dinheiro um temível instrumento de

utilizada na pesquisa histórica permanece a que foi trazida à luz pela Monumenta Germinae Historica: Pedro Damiano. Liber Gratissimus, em Die Brief des Petrus Damiani, ed. Kurt Reindel. MGH Briefe d. dt. Kaiserzeit, (1983), 384-509.

²⁷ Ernesto Laclau, *Emancipação e Diferença*, (Editora da UERJ, 2011); Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek, *Contingency, Hegemony, Universality: contemporary dialogues on the Left* (Verso, 2000).

²⁸ Sigo os critérios estabelecido por Frederico Lourenço, que optou por adotar o termo “mendigo” – e não “pobre” – ao traduzir do grego as palavras atribuídas a Cristo, como lembradas pelo apóstolo Lucas e que seriam posteriormente denominadas “O Sermão da Montanha”, ver: BÍBLIA, Novo Testamento: os Quatro Evangelhos, trad. Frederico Lourenço (Companhia das Letras, 2017), 73-74. A tradução é compatível com o alcance semântico do vocábulo *pauperes*, que dá forma ao referido versículo no texto da Vulgata, vigente no século XI. Ver: Bíblia, *The Vulgate Bible*. Vol. VI: The New Testament

tortura. As razões para manter tal imagem gravada a ferro na consciência eram muitas e ultrapassavam a Bíblia. Afinal, as comunidades cristãs do primeiro século haviam absorvido do pensamento grego – especialmente, de diferentes leituras das obras aristotélicas – a certeza de que o dinheiro não era parte da ordem natural das coisas, mas uma fabricação, algo inteiramente artificial. Reelaborado no curso de um milênio, esse entendimento florescia de geração em geração como uma sensibilidade dos homens e mulheres de letras ao estado fungível do dinheiro, isto é, à condição inescapável de ser consumido pelo próprio ato que o coloca em uso, quer se trate de uma troca ou um investimento. Porque foi criado para circular, ser transmitido, repassado, o dinheiro existe – assegurava longa tradição cristã – para não mais estar, para esgotar-se numa bolsa e ser depositado noutra, como um deixar-de-ser-aí.²⁹ Dinheiro é efêmero, passadiço, movediço; é a via de escape onde ocorre uma constante presença-ausência. Como tal, *per se*, ele nada pode gerar, fecundar. É intrinsecamente estéril.³⁰ Fungível e infértil, é o portador de uma tendência inata para atordoar e confundir os sentidos – assim se concluía a partir da leitura de autores reverenciados, como o redator das “Homilias Pseudo-Clementinas” (nome que recorda sua falsa atribuição a Clemente (?-c.100), bispo de Roma no final do século I) e Cipriano (c. 210-258), bispo de Cartago.³¹ Revestido por essa grossa camada de atributos, o dinheiro foi recorrentemente pensado em termos negativos e simbolizado, por exemplo, como uma “água estagnada e fétida em um poço sem saída ou como

– Douay-Rheims translation, ed. Angela M. Kinney (Harvard University Press, 2013), 332. A complexidade e elasticidade do conceito de pauper – disponível às culturas eclesásticas do século XI – foi investigada com propriedade em: Thiago Juarez Ribeiro Silva, “O cuidado do ‘pobre’ entre os séculos VIII e X: uma questão política ‘global’?” *Revista de História* (São Paulo), 179 (2020), 1-34. Valerie Jean Piro, *Becoming Poor: Situations of Poverty in the Early Medieval West* (Tese de Doutorado, Princeton University, 2025).

29 Peter Adamson, *Medieval Philosophy* (Oxford University Press, 2019), 4, 463-469.

30 Diana Wood, *Medieval Economic Thought* (Cambridge University Press, 2002), 72-84. Tais significados não esgotavam o rol de interpretações cristãs. Em diversas leituras, o dinheiro – epítome do enriquecimento – não figurava como obstáculo à salvação e poderia, inclusive, ser aplicado à serviço do bem comum das comunidades e conduzir ao comportamento virtuoso. O panorama das muitas maneiras de compreensão do dinheiro está magistralmente explorado em: Peter Brown, *Through the eye of a Needle: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD* (Princeton University Press, 2012).

31 Justo González, *Faith & Wealth: a history of Early Christians ideas on the origin, significance, and use of Money* (Harper & Row, Oxford University Press, 1990), 92-131.

um vórtice perigoso e destrutivo, inundando e inundando terras antes produtivas.”³² Formou-se no seu entorno um denso imaginário, cujas variações estavam unidas pela crença de que, manuseando-o, toca-se a imundície da existência terrena. Do comentário agostiniano sobre os evangelhos aos capitais que adornavam as colunatas monásticas, os olhos sussurravam à consciência que o dinheiro era como o esterco: uma fonte material de corrupção da pureza.³³ Ali estava a raiz da ansiedade que muitos e proeminentes eclesiásticos partilhavam a respeito da vida diária. Entre eles, muitos protagonistas da chamada “Reforma Gregoriana”.

De Pedro Damiano (1007-1072), eremita que nutria estreitas relações com o papado desde o alvorecer da década de 1040 – antes, portanto, do início da “Era Reformadora” – ao homem que se tornou figura epítome das mais diversas causas reformadoras, o próprio Gregório VII (1020?-1085), a presença do dinheiro reaparecia constantemente, capturada por uma linguagem do contágio que o apresentava como “veneno” da simonia, o principal sintoma da avareza, a odiosa “pestilência” ou “lepra” da alma.³⁴ A reafirmação do dinheiro como esteio de uma ação cancerígena da carnalidade, poluente que debilitava a autoridade eclesiástica cobrindo-a de manchas nefastas, consta em numerosos registros a respeito da atuação dos homens que participavam do longo arco de pactos regionais que sustentavam o papado. Propagava-se como uma força semântica que atraía os grupos constituídos pelo peso de divergências doutrinárias muitas vezes insanáveis e da constante competição

32 Em uma tradução livre: “Money can then be thought [...] as similar to stagnating and stinking water in a pit with no outlet or as a dangerous and destructive vortex, flooding and inundating formerly productive land.” Giacomo Todeschini, “Money as Metaphor and Symbol”, 644.

33 Martha Bayless, *Sin and Filth in Medieval Culture: The Devil in the Latrine* (Routledge, 2012), 138, 160-161. Ver ainda: Abigail Firey, “For I Was Hungry and You Fed Me”: Social Justice and Economic Thought in the Latin Patristic and Medieval Christian Traditions”, em *Ancient and Medieval Economic Ideas and Concepts of Social Justice*, ed. Stanley Todd Lowry e Barry Gordon (Brill, 1998), 333-370. Ver ainda: José Carlos Rodrigues, *O Corpo na História* (Editora Fiocruz, 1999), 109-120.

34 Neste sentido, ver, de maneira geral, o massivo estudo de: Giuseppe Fornasari, *Medioevo Riformato del Secolo XI: Pier Damiani e Gregorio VII* (Liguori Editore, 1996). Ver ainda o lugar ocupado pela noção de impureza na “Reforma Gregoriana” e por essa, por seu turno, no “alvorecer” da Modernidade em: David Levine, *At the Dawn of Modernity: biology, culture, and material life in Europe after the Year 1000* (University of California Press, 2001).

por posições dominantes no interior do governo pontifício.³⁵ E assim, a percepção do dinheiro mesclava-se a outros lugares-comuns da retórica reformadora, solenemente mobilizados para conferir máxima persuasão ao juízo de viver numa época em que a hierarquia clerical estava infectada por males hediondos – como o sexo. Uma linha bastava para que a notícia sobre a compra de um cargo ou bem eclesiástico se transformasse em um chocante relato sobre como “a Noiva de Cristo” – a Igreja – fora raptada, prostituída ou estuprada. Razão pela qual muitos reformadores consideravam os simoníacos um tipo ainda mais maligno que um saqueador, um assassino ou um parricida: era o portador da marca da heresia.³⁶ E assim, correlacionadas ao sexo – e ao derramamento de sangue –, as menções ao dinheiro expressavam as perturbações que um antigo “complexo da poluição” incutia na educação clerical.³⁷ Sobre as mentes dos homens que exerciam o poder papal pairava o

35 Um estudo sobre um caso representativo das divergências e da competição intrainstitucional pelo poder papal pode ser encontrado em: Leandro Duarte Rust, “Homo Corruptus: por uma história política de *Libri Tres Adversus Simoniacos* (c.1058)”, *Antíteses*, 15, n. 29 (2022), 98-127. A existência de tal “imaginário do contágio” como um elo interdiscursivo entre os diversos membros do papado não implica, de modo algum, no corolário – também consagrado por Fliche – da vigência de uma “espiritualidade gregoriana” que haveria possibilitado a orquestração de um “programa de ações reformadoras”, destacadamente unitário e coeso ao longo da segunda metade do século XI. A crítica, há muito acolhida, de modo seletivo, por amplo rol de estudiosos, tem encontrado ressonância nos ambientes historiográficos francófilos, onde a premissa lançada por Fliche reinou ao longo do século XX. Ver: Patrick Henriot, “En quoi peut-on parler d’une spiritualité de la Réforme grégorienne?” *Revue d’Histoire de l’Église de France*, 96 (2010), 71-91.

36 James Norrie, “Gendering Money: How Women and Men Used Coin in Eleventh-Century Northern Italy”, em *Small Change in The Early Middle Ages: new perspectives on coined money, c. 400-1100*, ed. Rory Naismith (Brepols, 2025), 208; Kathleen C. Cushing, *Reform and the Papacy in the Eleventh Century: spirituality and social change* (Manchester University Press, 2005), 119-12. Ver também: Dyan Elliot, “The Priest’s Wife: female erasure and the Gregorian Reform”, em *Medieval Religion: new approaches*, ed. Constance Hoffman Berman (Routledge, 2005), 123-155.

37 Amy Remensnyder, “Pollution, Purity, and Peace”, 283. Ver também os estudos seminais reunidos na Unidade III (“Gregory VII, Celibacy, and the Eleventh-Century Revolution”), da coletânea: Michael Frassetto, ed., *Medieval Purity and Piety: essays on medieval clerical celibacy and religious reform* (Garland Publishing, 1998), 179-302; Philippe Buc, *Holy War, Martyrdom, and Terror: Christianity, violence, and the West, ca. 70 C.E. to the Iraq War* (University of Pennsylvania Press, 2015), 25-27; Arnaud Fossier, “La contagion des péchés (xie-xiiiie siècle). Aux origines canoniques du biopouvoir”, *Tracés: Revue de Sciences Humaines*, 21 (2011), 23-39. O papel de estudo pioneiro neste sentido cabe a: Robert Ian Moore, “Family, Community and Cult on the Eve of the Gregorian Reform”, *Transactions of the Royal Historical Society*, 5, n. 30 (1980), 49-69.

espectro do dinheiro como um pesadelo que dissolvia e profanava laços sagrados.³⁸ Uma ferida letal permanentemente aberta no flanco da Cristandade.

Porém, a virada de 1046 para 1047 – momento em que uma nova combinação de forças sociais se instalou no trono de São Pedro³⁹ – consta em amplo rol de relatos como início da época em que o alto clero papal se mostrou capaz de suspender estrategicamente tais crenças a respeito do dinheiro; de, por assim dizer, “desligar” temporariamente o seu magnetismo. Essa habilidade para *retemporalizar* a força normativa a ser identificada por um devoto no ato de amealhar dinheiro no exercício das funções eclesiástica consta já nas narrativas tecidas em torno daquele que os historiadores considerariam o inaugurador da “Era Reformadora”: Leão IX (1002-1054).⁴⁰

Até o início da época moderna, Leão foi o papa do século XI que gozou de maior prestígio religioso. Embora Gregório VII tenha sido elevado ao patamar de figura-síntese do passado, foi Leão quem os reformadores oficialmente declararam santo.⁴¹ Sua chegada a Roma, provavelmente, no início de fevereiro de 1049, era lembrada como um majestoso retorno do sagrado: o dia em que as revelações sobre milagres, visões e relíquias voltaram a frequentar o palácio de Latrão após um sombrio período de quase duzentos anos em

38 Jacques Le Goff, *A Bolsa e a Vida: a usura na Idade Média* (Brasiliense, 2004), 9-15. Ver ainda: Jacques Le Goff, *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica* (Civilização Brasileira, 2013), 17-29.

39 Para a caracterização dessa ruptura social que teve a Igreja de Roma como epicentro, ver: Leandro Duarte Rust, *Colunas de São Pedro: a política papal na Idade Média Central* (Annablume, 2011), 143-158. Ver igualmente: Ian Stuart Robinson, “Privilegium Romanæ Ecclesiæ: the language of Papal Authority over the Church in the Eleventh Century”, em *Authority and Power in the Medieval Church, c.1000-c.1500*, ed. Thomas W. Smith (Brepols, 2020), 29-65.

40 Sobre a construção da memória do “primeiro papa reformador”, reporto à competente tese: Ian Patrick McDole, *Wise as a Serpent, Gentle as a Dove: Bruno of Toul and the making of Pope Leo IX* (Tese de Doutorado, Oxford University, 2022). Para uma leitura crítica, ver: Andrew Smith, “Pope Leo IX: a Reforming Pope?” *History Compass*, 17 (2019), 1-13.

41 Leão foi canonizado em 1087, durante o breve pontificado de Vítor III (c.1027-1087), sucessor imediato de Gregório VII. Já Gregório receberia lugar nas fileiras da santidade somente em 1728. Ver: Gianmarco Giuliano, “Reformatio or restauratio? The rehabilitation of Pope Gregory VII in Catholic historiography after Trent”, *Renaissance Studies: Journal of the Society for Renaissance Studies*, 35, n. 1 (2021), 146-164.

que a corrupção e a depravação mantiveram gerações de pastores completamente indignos de toda manifestação celestial.⁴² Porém, a proximidade com o Reino dos Céus não o colocou acima de uma crônica necessidade de dinheiro. Sigamos um episódio exemplar, retirado da mais extensa biografia que lhe foi dedicada, a *Vita Leonis IX*, escrita entre 1054 e 1061.

Tão logo empossou seu *entourage* nos postos da administração eclesiástica, Leão descobriu-se à frente de uma igreja insolvente. Margens expressivas da riqueza produzida no próprio “Patrimônio de São Pedro” simplesmente não chegavam até o altar. O bispado enfrentava as severas privações há mais de dois anos, quando grandes magnatas romanos subtraíram inúmeras áreas ao domínio econômico eclesiástico em reação à política, então implantada pela corte imperial, de assegurar a Santa Sé a sucessivos prelados germânicos, homens que governavam Roma sem partilhar dos interesses, das prioridades e da lealdade locais porque permaneciam atados a compromissos firmados do outro lado dos Alpes – e Leão era o mais recente deles. Em razão disso, relata a *Vita*, o novo bispo “não encontrou nada das despesas episcopais e tudo que trouxera consigo foi consumido por necessidades domésticas ou distribuído em doações.” Em meio à lamúria de que “as bolsas abarrotadas [...] que haviam trazido estavam vazias”, auxiliares e conselheiros sucumbiram à ideia de que sequer “havia esperança de sustento, a menos que vendessem as próprias roupas pelo menor preço e partissem, conduzindo o mais benigno pai em fuga para sua terra natal por meio de um ardil secreto.” Leão se recusou a partir. Confiante na Providência Divina, ele os exortou a perseverar. A aflição se prolongou até o dia em que “chegaram emissários de nobres da província de Benevento, trazendo presentes apropriados à dignidade apostólica e buscando, sincera e humildemente, obter suas benções e consolação.”⁴³ Visto de

42 Leandro Duarte Rust, *Colunas de São Pedro*, 79-92. A imagem do pontificado leonino como divisor de águas em termo do significado espiritual atribuído pelos contemporâneos ao papado norteia numerosas publicações, como: Georges Bischoff e Benoît-Michel Tock, ed., *Léon IX et Son Temps: actes du colloque international organisé par l'Institut d'Histoire Médiévale de l'Université Marc-Bloch* (Brepols, 2006); Dominique Iogna-Pratt, *La Maison Dieu: Une Histoire Monumentale de l'Église au Moyen Âge* (Seuil, 2006), 366-398; Glauco Maria Cantarella e Arturo Calzona, ed., *La Reliquia del Sangue di Cristo: Mantova, l'Italia e l'Europa al tempo di Leone IX* (Scripta Edizioni, 2012); Collin Morris, “‘Judicium Dei’: the social and political significance of the ordeal in the eleventh century”, *Studies in Church History*, 12 (1975), 95-111.

43 Tradução livre de passagens retiradas deste trecho: Nam ibidem adveniēns nichil pontificalium sumptuum invenerat, iam erant in domesticos usus absumpta, immo in helemosynarum prorogationem cuncta, quae secum attulerat. Defecerant cunctorum eius comitum plene delate crumene, non erat ulla spes opis nisi proprias vestes ad minus precium vendere et quacumque secreta arte benignissimum

relance, o argumento de que os “presentes” enviados pela aristocracia beneventana consistiam em dinheiro pode parecer arbitrário, justificável somente por sua conveniência ao tema deste estudo. Afinal, o termo assim traduzido é *xenia*: palavra grega cujo significado se mostra de difícil delimitação, já que nomeava, de maneira geral, aquele ou aquilo que demonstra hospitalidade.⁴⁴ Os emissários podem ter depositado aos pés do papa desde bens materiais até um compromisso verbal. Mas há indícios marcantes de que a *Vita* refere-se a dinheiro: 1) as menções a “despesas episcopais” e ao receio de que fosse preciso “vender as próprias roupas” são marcas de um encaixe discursivo,⁴⁵ isto é, de que a narrativa está globalmente sustentada por um referencial de relações sociais que implicam contato com dinheiro; 2) o vocábulo *ops* – escrito no genitivo, *opis* – corresponde a “sustento” e, simultaneamente, a “poder”, “pompa”, “esplendor”, “magnificência”; seu uso denota “subsistência” como reprodução de elevado padrão de vida e que, por pensar o papado, possuía como condição de plausibilidade reportar um leitor à instituição “cuja riqueza [...] era a mais líquida, mais baseada em dinheiro e tesouro”⁴⁶ em toda a Europa; 3) especificando que os beneventanos buscavam não só bençãos papais, mas igualmente o *solatium* – a “consolação”, o “alívio”, o “conforto” –, o redator da *Vita* destacou um nome para a situação vivida pelos habitantes daquela cidade: a de uma contínua mobilização para angariar aliados contra as investidas dos normandos. Esforço de guerra que, assim

patrem in patriam fugiendo reducere. Quorum renitendo consilio vir beatus in divino confidere solatio sagaciter ammoneretur, sed tamen illorum afflictioni misericordiae affectu ex intimis condolebat. Instante autem die, quo cunctis eius comites disposuerant clanculo recedere, ecce adsunt legati nobilium Beneventane provincie deferentes xenia apostolice congrua dignitati, eius benedictionem atque solatium suppliciter deposcentes promereri. In: Anônimo, *Vita Leonis IX*, em *Die Toulser Vita Leos IX*, ed. Hans-Georg Krause, Detlev Jasper e Veronika Lukas. MGH SS. Rer. Germ. (2007), 70, 188. Ao elaborar a tradução consultei ainda a seguinte versão: Ian Stuart Robinson, ed., *The Papal Reform of The Eleventh Century: lives of Pope Leo IX and Pope Gregory VII* (Manchester University Press, 2004), 97-157.

44 Conforme consulta ao Dicionário Online Logeion, mantido pela Universidade de Chicago através do link: <https://logeion.uchicago.edu/pauper>. Acesso: 16 de setembro de 2025.

45 O conceito “encaixe discursivo” resulta da apropriação e reelaboração do conceito “encaixe sintático”, formulado por Michel Pêcheux para realçar relações dissimétricas entre “dois domínios de pensamento”, de modo que um elemento de um domínio irrompe sobre um elemento do outro sob a forma do que pode ser denominado de “pré-construído”, um elemento já presente na ordem do discurso. No relato analisado, o aspecto monetizada das relações sociais consiste no “já pensado” que irrompe na narrativa. Ver: Michel Pêcheux, *Semântica e Discurso* (EdUnicamp, 2009), 89. Ver ainda: Eni Puccinelli Orlandi, org., *Análise do Discurso: Michel Pêcheux* (Pontes Editores, 2011), 163-173.

46 Chris Wickham, “The financing of Roman city politics, 1050-1150”, em: AAVV., *Europa e Italia: Studi in onore di Giorgio Chittolini* (Firenze University Press, 2011), 452.

registra outra *Vita Leonis*,⁴⁷ era usualmente selado quando grandes quantias em moeda mudavam de mãos.⁴⁸

Leão IX concedeu a benção ao receber dinheiro. Embora não se possa apontar um nexo de causalidade entre as ações sem extrapolar as características da narrativa, tratava-se de um episódio capaz de municiar uma acusação de simonia. Contudo, a narrativa que expôs a memória pontifícia a esse perigo também a imunizou. E o que permitiu ao redator da *Vita* suspender os efeitos do “complexo da poluição” não foi a opção por um nome tão ameno quanto *xenia*. O lance discursivo crucial foi outro. Consistiu na caracterização dos “presentes” ofertados como “apropriados à dignidade papal”. O episódio narrado institui o momento em que as qualidades ameaçadoras do dinheiro – que nunca desaparecem⁴⁹ – têm a duração interrompida e são ultrapassadas por sua identificação como sinal material que confirma a superioridade do *status* de quem recebe a quantia. Com a apresentação do dinheiro como figura da *dignitas* do destinatário⁵⁰, tem início uma ação de *naturalização* de

47Anônimo, *Vita Leonis IX*, em *Vie et Miracles du Pape S. Leon IX*, ed. Albert Poncelet. *Analecta Bollandiana*, 25 (1906), 284-288. O argumento é igualmente sustentado por passagens de outra narrativa, em que o empenho de elevadas quantias estabelecia as posições e alianças assumidas diante da “opressão normanda”: Amato de Montecassino. *Historia Normannorum*, em *A História dos Normandos* (c.1086 EC), ed. Thomas Bonnici. Diálogos Edições, 2021.

48 Ainda sobre a plausibilidade de considerar “presentes” como detentores de sentido fortemente monetário: Luigi Canetti, “Christian Gift and Gift Exchange between Late Antiquity and the Early Middle Ages”, em *Gift-Giving and the ‘Embedded’ Economy in the Ancient World*, ed. Filippo Carlà e Maja Gori (Akademie der Wissenschaften, 2014), 337-353; Julie Mell, “Cultural Meanings of Money in Medieval Ashkenaz: on gift, profit, and value in Medieval Judaism and Christianity”, *Jew History*, 28 (2014), 125-158.

49 Razão pela qual a *Vita* tratou imediatamente de negar que o deleite papal com o dinheiro tenha sido maior do que a alegria provocada pela humildade e zelo dos beneventanos – caso contrário, tal regozijo poderia ser encarado como expressão do que a Vulgata designava por cupiditas, o amor ao dinheiro, a “raiz de todos os males” (1Tm 6:10) -, como se lê no trecho seguinte à chegada dos embaixadores (tradução livre): “os quais, o prelado digno de Deus, como convinha à sua distinção honorífica, recebeu e fortaleceu com a sagrada benção, rendendo graças a Deus feliz, não tanto pela oferta de presentes quanto pela devoção dos fiéis.” Texto Original: *quos deo dignus presul, ut suam decebat honorificentiam, suscepit, sacra benedictione roboravit, non tam letus de oblatione munerum quam deo rependens grates de devotione fidelium*. In: Anônimo, “*Vita Leonis IX*”, *MGH SS. Rer. Germ.*, 188. Para a Vulgata: Bíblia, “*The Vulgate Bible*”, 1122.

50 A *dignitas* mantém, aqui, traço essencial instituído durante os séculos IV e VI do Império Romano: de se referir a uma qualidade adquirida externamente – na Era Republicana, por meio da ação política ou militar; no Período Imperial, por concessões diretas do imperador. Trata-se de uma noção de *status* que não conota, necessariamente, um valor intrínseco da condição humana, entendimento formulado

uma significativa concessão ética e jurídica ao papado, que permitia a seus integrantes se servir da oferta de moedas como prova de integridade e fortalecimento dos laços sociais sem gerar o escândalo que, amiúde, incendiava a fúria popular⁵¹ e devorava a legitimidade de outros prelados, por muito tempo detentores da plena autoridade, mas que passaram à posteridade como “óbvios” simoníacos.⁵² Esse empenho para imprimir um sentido santo à materialidade satânica do dinheiro consta em narrativas outras, elaboradas para proteger a memória de aliados desse papado que, em toda segunda metade do século XI, enfrentou a “aflição leonina”, isto é, as pressões impostas por necessidades econômicas estruturais. Em diferentes trechos, a *Chronica Monasterii Casinensis* – datada das primeiras décadas do século XII – converte-se em inventário das doações feitas à abadia de Montecassino pelos mais proeminentes líderes normandos, em especial, o Duque Roberto de Hauteville, de cognome “Guiscardo” (c.1025-1085): “600 bizantinos”, “700 scifatos”, “2.000 tarenos africanos”, “100 micalatos”, “500 moedas bizantinas”, “1000 *solidi*” e as cifras persistem como pulsações rápidas de um vistoso rol de “presentes”.⁵³ Mas a riqueza acumulada pelo duque tinha raízes na

a partir do humanismo renascentista. A dignitas christiana, portanto, realizava-se por meio de concessões e doações. Ver: Carolina Lo Nero, “Christiana Dignitas: new christian criteria for citizenship in the Late Roman Empire”, *Medieval Encounters*, 7, n. 2 (2001), 142-164. Ver ainda: Miriam Griffin, “Dignity in Roman and Stoic Thought”, em *Dignity: a history*, ed. Remy Debes (Oxford University Press, 2017), 50-53.

51 Ver: Georg Schwaiger, “Kirchenreform und Reformpapsttum (1046-1124)”, *Münchener Theologische Zeitschrift*, 38 (1987), p. 38. A História da Arte demonstra como o imaginário sobre a simonia alcançou capilaridade social: Raphaël Guesuraga, “Figurer l’hérésie simoniaque et la fornication cléricale: le programme grégorien de la Porte des Comtes à Toulouse”, *Cahiers de Civilisation Médiévale*, 259 (2002), 221-258; Raphaël Guesuraga, “L’homme aux dragons et l’hérésie simoniaque”, *Revue d’Auvergne*, 614 (2015), 83-109; Barbara Franzé, “Art et Réforme Grégorienne à Zillis: les tentations du Christ comme image de victoire sur la simonie”, em *Les Tentations du Christ: Actes du Colloque Graphè*, ed. Jean-Marc Vercruysse (Artois Presses Université, 2022), 93-111; Barbara Franzé, *L’Église et les Églises: iconographie du monde grégorien* (Rome, Italie, France) (Brepols, 2024), 254-263, p. 385-399.

52 Ver: Leandro Duarte Rust, “A Santidade Enfurecida: monges e bispos medievais em uma disputa pelas emoções públicas”, *Medievalista*, 28 (2020), 279-310; Francesco Salvestrini, “Conflicts and continuity in the Eleventh-Century religious reform: the traditions of San Miniato al Monte in Florence and the Origins of the Benedictine Vallombrosan Order”, *The Journal of Ecclesiastical History*, 72, n. 3 (2021), 491-508; Caterina Ciccopiedi, “La simonia a Firenze nel secolo XI: un fraintendimento volontario?”, em *(Fra)intendimenti: studi italo-tedeschi sugli equivoci nella comunicazione (secoli XI-XV)*, ed. Maria Alberzoni, Nicolangelo D’Acunto, Jochen Johrendt e Jessika Nowak (Vita e Pensiero, 2024), 63-74.

53 Leão Marsicano e Pedro Diácono. *Chronica monasterii Casinensis*, em *Die Chronik von Montecassino*, editado por Hartmut Hoffman. MGH SS, (1980), 34, 438.

opressão, na violência e perversidade cometidas contra populações e territórios cristãos – como o próprio papado declarou em diversas ocasiões.⁵⁴ Porém, o efeito infeccioso da origem ilícita cessou de existir assim que a *Chronica* narrou as somas como provas da grandeza espiritual da comunidade de beneditinos de Montecassino. Essa “lavagem simbólica de dinheiro”⁵⁵ freava a produção dos sentidos e atributos semânticos que tornavam possível dizer o suborno, e o fazia com tal eficácia que era possível cunhar outro significado para o uso do dinheiro, conferindo-lhe uma segunda existência, na qual, inclusive, poderia se tornar o reverso da simonia mesmo numa transação, à primeira vista, tipicamente simoníaca. Tal foi o êxito alcançado pela *Vita Mathildis* – dedicada entre 1111 e 1115 a recodar os feitos da linhagem da mais célebre aliada de Gregório VII, a Condessa Matilde de Canossa (1055-1155). A narrativa apresenta o tio dessa magnata efetivamente gregoriana, Tedaldo (c.990-1036), bispo de Arezzo, como o “amigo de Cristo” que, certo dia, praticando o “exemplo das ações virtuosas”, disse, “com a mente moderada”, durante uma pregação: “certamente, eu daria mil libras de prata pelo Papado, para que eu pudesse expulsar todos os malditos simoníacos do mundo inteiro.”⁵⁶ Mil libras de prata, aqui, não corrompem.

54 A própria *Chronica* registra que Roberto realizava doações em trânsito para atacar cidades e populações locais (em tradução livre do autor): “Ao conquistar Bari, deu a Desidério 12 libras de ouro.” Texto original: Quando recepit Barim, donavit Desiderio duodecim libras auri. In: Leão Marsicano e Pedro Diácono. “*Chronica monasterii Casinensis*”, 438. Ao elaborar a tradução consultei também a seguinte versão italiana: Francesco Gigante, ed., *Cronaca Monastero Cassinese* (Francesco Giolfi Ed., 2016). Além de protestos e advertências, cabe recordar que Leão liderou pessoalmente a guerra contra os normandos em 1054 e que Gregório sentenciou-os com excomunhões em fevereiro-março de 1078: Gregorio VII. *Registrum*, em *Das Register Gregors VII*, editado por Eric Caspar. MGH Epp. sel., (1920), 1, 5:14a, 368-373.

55 Com a expressão, busco chamar atenção para um processo já discutido por Martin Jürgensen para igrejas do Norte da Europa, (em uma tradução livre): “Não é de surpreender que todo esse dinheiro sujo tenha que ser manuseado na igreja, por meio de ações ritualizadas que serviam tanto para evitar quaisquer acusações de simonia quanto para garantir que a oferta fosse aceita com o espírito certo e com o efeito certo.” Texto Original: Unsurprisingly when all this dirty money was to be handled in the church, it happened through ritualized actions serving both to avoid any charges of simony and ensuring that the offering was accepted in the right spirit as well as to the right effect. In: Martin Wangsgaard Jürgensen, “Pious gifts: coins and church interior”, em *Coins in Churches: archeology, money and religious devotion in Medieval Northern Europe*, ed. Svein Gulbekk, Christoph Kilger, Steinar Kristensen e Hakon Roland (Routledge, 2021), 31.

56 Tradução livre dos trechos a seguir: Presul Arentinus Christi Tedaldus amicus, religiosus erat, Domini grecis atque gerebat curam devotam, monstrans exempla decora. [...] Ipsos detestans, dicebat mente modesta: “Mille libras certe pro papatu dare vellem, ut quod ego glisco simoniacos maledictos eicerem cunctos per totum denique mundum”. In: Donizo. *Vita Mathildis*, em *Donizonis Vita Mathildis*, editado por Edente Ludovico Bethmann. MGH SS, (1856), 12, 361-362. Durante a elaboração da

Na realidade, essas mil libras de prata em particular: como o sinal da posição superior dos canossanos, elas asseguram uma cadeia de bom governo e tornam-se, assim, antídoto contra a desarmonia e degradação que imperam no mundo. Com efeito, por meio do dinheiro combatia-se a corrupção que o dinheiro materializava noutras circunstâncias.

Em um texto seminal, trazido ao público em 2001, Timothy Reuter condensou em duas palavras uma tese que, por muito pouco, não singrou o mar agitado das divergências sobre a “Reforma Gregoriana” como uma unanimidade imperturbável: após os anos 1050, um “pânico moral”⁵⁷ a respeito da simonia percorreu a Igreja latina. A afirmação, de fato, conta com um lastro documental aparentemente interminável. Contudo, o termo “pânico” pode emprestar às numerosas reações eclesásticas à suspeita de simonia uma conotação de “impulsivo”, “precipitado”, “incontrolável” ou “irrefletido”. Quando observados como *grupo político*,⁵⁸ os atores e ideólogos do papado implantado no final da década de 1040 raramente comportavam-se dessa maneira. Havia um concerto no conjunto de suas ações, uma orquestração regida pela seletividade e por cálculos práticos. Comparemos os casos a seguir, escritos por dois dos principais apologistas de Gregório VII:

tradução consultei a versão italiana disponível em: Paolo Golinelli, ed., Donizone: Vita di Matilde di Canossa (Jaca Book, 2008). Uma hipótese de trabalho a ser examinada: que “guinadas normativas” como essa tenham possibilitado a perene oscilação da comunicação do combate à simonia, como apontada em: Ariane Lorke, *Kommunikation über Kirchenreform im 11. Jahrhundert (1030-1064)*, (Jan Thorbecke Verlag, 2019), 59-64.

⁵⁷ “There was a ‘moral panic’ about simony: it came to be suspected in quite improbable places.” Timothy Reuter, “Gifts and Simony”, em *Medieval Transformations: texts, power, and gifts in context*, ed. Esther Cohen e Mayke De Jong (Brill, 2001), 160. As exceções à caracterização do “pânico moral” de que tenho conhecimento são estas: Rudolf Schieffer, “Spirituales latrones. Zu den Hintergründen der Simonieprozesse in Deutschland zwischen 1069 und 1075”, *Historisches Jahrbuch*, 92 (1972), 19-60; John Gilchrist, “The ‘Epistola Widonis’: ecclesiastical reform and canonistic enterprise 1049-1141” em *Authority and Power: studies on medieval law and government presented to Walter Ullmann on his seventieth birthday*, ed. Brian Tierney e Peter Linehan (Cambridge University Press, 1980), 49-59; Hanna Vollrath, “L’accusa di simonia tra le fazioni contrapposte nella lotta per le investiture”, em *Il Secolo XI: una svolta?*, ed. Cinzio Violante e Johannes Fried (Società Editrice il Mulino, 1993), 131-156.

⁵⁸ A expressão é sinônimo de “grupo de interesse” (já utilizada no artigo) e equivale igualmente ao conceito de “grupo de pressão”, que “indica ao mesmo tempo a existência de uma organização formal e a modalidade de ação do grupo em questão visando o alcance dos seus fins: a pressão. [...] Pressão é [...] como consideram alguns autores, não tanto a possibilidade de ter acesso ao poder político, mas a possibilidade de recorrer a sanções negativas – punições – ou positivas – prêmios –, a fim de influenciar a atribuição imperativa dos valores sociais através do poder político.” In: Gianfranco Pasquino, “Grupos de Pressão”, em *Dicionário de Política*, ed. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (EdUnB, 2024), vol. 1, 691.

Bertoldo (?-1088?), monge da abadia de Reichenau, e Bonizo (c.1050-1095), bispo de Sutri.⁵⁹ Após quase três anos de uma guerra renhida pela coroa dos germânicos, Gregório solicitou aos dois reis que a disputavam, Henrique IV do Sális (1056-1106) e Rodolfo de Rheinfelden (c.1025-1080), que enviassem emissários a Roma, para que um desfecho fosse negociado durante o sínodo da Quaresma de 1078. Segundo Bertoldo, a justiça era com os rodolfianos, que teriam retornado para a *Germania* favorecidos pelos romanos, não fosse pelo fato de que, durante toda a viagem até a Cidade Eterna, os emissários sális puderam “realizar tudo que desejaram pacificamente e conforme seu desejo”, dedicando-se sem cessar – “porque eram mais experientes em tais assuntos” – a, “por meio de presentes, mentiras, promessas, lisonjas e queixas chorosas, [...] atrair a todos, do menor ao maior, corrompidos, iludidos e seduzidos, para tudo em favor de seu rei e, por outro lado, ao ódio e às maiores calúnias contra o rei Rodolfo.”⁶⁰ Mas, ao narrar como Gregório havia negociado uma reconciliação do mesmo Henrique com autoridade apostólica quatro anos antes, Bonizo afirmou que os legados papais então designados “retornaram com honra a Roma, carregados de grandes presentes e levando consigo a epístola do rei, na qual ele prometia a devida submissão em todos os aspectos ao venerável Papa Gregório.”⁶¹ Tido como um gregoriano radical, cujo juízo faiscava diante dos menores indícios de simonia, Bonizo não apontou qualquer sinal de corrupção na concessão de

59 Sobre a aplicabilidade do termo “apologistas”, ver, respectivamente: John A. Dempsey, *Bonizo of Sutri: Portrait in a Landscape* (Lexington Books, 2023); Ian Stuart Robinson, *Eleventh-Century Germany: The Swabian Chronicles* (Manchester University Press, 2008), 2-41. Ver igualmente: Herbert Edward John Cowdrey, “Ideological Friendship in the Middle Ages: Bonizo of Sutri and His ‘Liber Ad Amicum’”, em *Friendship in the Middle Ages and Early Modern Age: explorations in a fundamental discourse*, ed. Albrecht Classen e Marilyn Sandidge (Walter de Gruyter, 2010), 395-428.

60 Tradução livre de trechos da seguinte passagem: *Legati autem regis Heinrici, quia palam ire et omnia quae voluerant pacifico libitu efficere et in Longobardia et in ipsa Romana urbe poterant, muneribus, mendaciis, promissis, assentationibus, querimoniis flebilibus, nec non omni arte et ingenio, uti in huiusmodi experientissimi erant, a minimis adusque maximis, corruptos, delusos, seductos omnino omnes in favorem sui regis attrahere semper non cessabant, et e diverso in odium et calumnias Roudolfi regis permaximas. In: Bertoldo de Reichenau, Chronicon, em Die Chroniken Bertholds von Reichenau und Bernolds von Konstanz 1054–1100*, editado por Ian Stuart Robinson. MGH SS rer. Germ. N.S., (2013), 14, 314-315.

61 Em uma tradução livre de: ... *magnis muneribus donati Romam cum honore remearunt, portantes secum prefati regis literas, quibus venerabili pape Gregorio omnibus modis debitam subiectionem spondebat. In: Bonizo de Sutri. Liber Ad Amicum em Bonizonis Episcopi Sutritini Liber Ad Amicum*, editado por Ernest Dümmler. MGH Ldl. (1841), 1, 602. Ver ainda: Anthony Perron, “Scandal of the Church, Prison of the Soul: the problem of bad custom in Twelfth and Thirteenth-Century Canon Law and Practice”, *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, 47, n. 3, (2021) 20-38.

“grandes presentes” por Henrique; enquanto, para Bertoldo, o mesmo ato – ambos, inclusive, empregam o mesmo nome para “presentes” (*muneribus*) – era a materialidade de um suborno. Não estamos diante de incoerências. Essas narrativas integravam um discurso que tornava real um conteúdo simbólico valioso por sua enorme utilidade política: rotinizar a premissa de que as qualidades corruptoras do dinheiro eram contingentes e que sua duração, variável e reversível, era “naturalmente” expressada pelo papado.⁶²

Para as gerações de atores – majoritariamente eclesiásticos, mas também formadas por leigos – que exerceram e justificaram o poder dos papas a partir de meados do século XI, o dinheiro era algo muito mais complexo do que um padrão de valor para o pagamento de impostos e dívidas ou a troca de mercadorias e serviços – dimensão em que a pesquisa histórica costuma se deter, orientada pelo realismo econômico enfatizado por autores da importância modelar de um Marc Bloch.⁶³ Nos registros sobre suas decisões, *o dinheiro funciona como um fórum*, um lugar discursivo em que diferentes necessidades e objetivos eram mediados, interrompidos e realizados. Os significados vinculados ao dinheiro nunca eram simplesmente retomados do passado ou reproduzidos, mas *performados*. Narrando-o como o espaço aberto a diferentes performances normativas, os registros papais punham em circulação, normalizando, descontinuidades e retomadas (potencialmente disruptivas e surpreendentes para os demais grupos políticos) praticadas em nome do Sumo Pontífice ao apontar a ocorrência da corrupção. Estamos diante de uma versatilidade discursiva de funcionamento idêntico àquela de

62 Portanto, tal como no caso da *Chronica Casinensis*, considero o dinheiro um referencial social presente naquilo que foi narrado por Bertoldo e Bonizo como “presentes”. O vocábulo *munus* (no plural, *munera*), adequadamente traduzido por “presente” ou “dom”, pode ser considerado parte corrente do léxico clerical do século XI para referir-se a “dinheiro” em razão da dimensão abstrata desse último: afinal, o “dinheiro” não era mero sinônimo de cifras ou de uma quantidade precisa em moedas, mas um conceito que expressava as ideias de inclusão e exclusão por meio de relações monetárias. Havia, inclusive, um vasto corpo de obras cristãs onde vigorava uma elevada apreciação pelo dinheiro como meio de expressão simbólica da salvação. Uma consciência eclesiástica encontrava um referente material e uma metáfora para o patrimônio cristão (a um só tempo visível e invisível) naquilo que uma mente capitalista costuma enxergar simplesmente como um index de recursos materiais. Ver: Giacomo Todeschini, “Money as Metaphor and Symbol”, 642. Neste sentido, cabe recordar que o século que foi palco de um “pânico moral” a respeito da simonia foi também o teatro da difusão da visão teológica que enfatizava a similaridade entre a moeda e o pão eucarístico. Ver: Lucia Travani, “Coins as Bread. Bread as Coins”, *The Numismatic Chronicle*, 173 (2013), 187-200.

63 Marc Bloch, *Esquisse d'une Histoire Monétaire de l'Europe* (Ed. Armand Colin, 1954), 30-75. Para uma leitura crítica: Howard Bloch, “Money, metaphor, and the mediation of social difference in Old French Romance”, *Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures*, 35, n. 1, (1981), p. 26-27.

significantes que Ernesto Laclau denominou “vazios”. Esse adjetivo não deve ser lido como se denotasse ausência de sentido ou projetasse certo caráter amorfo à ideia de corrupção – neste caso, ao dinheiro. O filósofo o emprega para marcar de maneira incisiva, talvez mesmo provocativa, a constatação de que não há uma vinculação *permanentemente necessária* entre um nome cronicamente político e o sentido comumente comunicado por ele. Trata-se da opção lexical de Laclau para enfatizar que a eficácia de um significante para persuadir e mobilizar amplia-se à medida que é mantida certa incomensurabilidade, o constante potencial para um esvaziamento contingente que permita expandir seu preenchimento como sentidos outros, necessários à constituição da ordem social.⁶⁴ Nisso consistia a valiosa competência para fixar diferentes medidas para o nascimento, a duração e o desaparecimento da ação corrupta: uma versatilidade ou um “vazio” discursivo que aumentava as possibilidades à disposição dos atores papais para assimilar desafios criados pela realidade social, adaptar valores e tradições reformadoras e formular respostas para reafirmar a posição política da Santa Sé. É o que demonstrarei a seguir.

A arte do possível: sobre a necessária indeterminação política da corrupção

Ao ditar suas memórias com voz autoritativa, ressoando a senioridade sem par de quem havia sido, simultaneamente, o abade de Montecassino e cardeal da “Santa Igreja Romana” por duas décadas, Desidério (c.1027-1087) disse ter ouvido a seguinte história dos lábios de Gregório VII.⁶⁵ Em certa ocasião, o

64 Ernesto Laclau, “Identity and Hegemony: the role of universality in the constitution of politics logics”, em *Contingency, Hegemony, Universality*, ed. Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek (Verso, 2002), 44-89. Ver ainda: Lucy Koechlin, *Corruption as an Empty Signifier: politics and political order in Africa* (Brill, 2013), 95-162.

65 O prestígio de Desidério mede-se ainda pelo fato de ter sido aquele que manteve a abadia de Montecassino como sede do primeiro “cardeal externo” da história do Papado, isto é, do caso singular em que um titular de uma igreja romana estava – e permanecia – sediado em outra instituição eclesiástica. O primeiro cardeal a ocupar tal posto fora Frederico Gozzelon (c.1020-1058), elevado a Cardeal Presbítero de São Crisogono por Vítor II (1018-1057) em 14 de junho de 1057, quando era abade de Montecassino. Desidério, também já abade, foi promovido a Cardeal Diácono dos Santos Sérgio e Baco em 6 de março de 1058. Ver: Herbert Edward John Cowdrey, *The Age of Abbot Desiderius: Montecassino, the Papacy, and the Normans in the Eleventh and Early Twelfth Centuries* (Clarendon Press, 1983), 61.

“bem-aventurado Leão” suspendeu um eclesiástico da Gália do ofício episcopal. Tratava-se, ao que tudo indica, de um dos muitos bispos suspensos no “Grande Sínodo” de Reims, realizado na Gália entre 5 e 9 de outubro de 1049, onde uma enxurrada de incriminações caiu sobre a reputação do alto clero local sob o olhar de um Leão IX majestosamente instalado na presidência das sessões: simonia, casamentos incestuosos, divórcio, bigamia, sodomia, opressão dos pobres, cumplicidade com abusos laicos, negligência quanto ao ocaso dos hábitos monásticos, omissão perante o “perverso” costume, sabidamente Mantido pelos clérigos, de tomar parte na guerra.⁶⁶ E ao ver que a comitiva romana partiu sem que o papa anunciasse quando reexaminaria o afastamento de seu superior – continuou Desidério –, “certo presbítero, chamado Guiberto, eloquente na fala e não menos versado nas letras,” disse “que viria a Roma e enganaria o mesmo bem-aventurado pontífice com suas asserções traiçoeiras e obteria a restauração do ofício que fora retirado”. O desventurado bispo logo decifrou a insinuação codificada naquele fraseado: é preciso subornar. “E assim, tendo recebido o dinheiro dele, Guiberto veio a Roma.” Uma vez diante do Santo Padre – impossível saber onde, pois o abade não fornece pistas sobre a localização –, o presbítero, ondeando pelo espaço, ziguezagueando “para aqui e para ali como uma serpente astuta,” se pôs a desculpar o “bispo com discursos retóricos, exigindo, com frases lisonjeiras e humildes, que fosse restituído o ofício vetado, que, assim afirmava, havia sido injustamente retirado de seu bispo.” Mas a desenvoltura ciceroniana daquele hábil advogado não demoveu Leão. Suspensão mantida. Após colidir contra o muro maciço da severidade apostólica, “para que não retornasse de mãos vazias ao seu bispo, de quem havia recebido quantia considerável de dinheiro,” Guiberto decidiu aliciar o papado em outra consciência: foi até o “Chanceler da Sé Apostólica e, oferecendo dinheiro, convenceu-o a entregar-lhe cartas clandestinas, timbradas com o selo apostólico, para ser entregues ao seu bispo, as quais significariam que a graça da Sé Apostólica havia sido restituída tanto quanto

66 A expressão “Grande Sínodo”, indicador de que a assembleia papal assumiu contornos de “concílio geral” para os contemporâneos, foi retirada de (tradução livre do autor): *Autumnali tempore domnus papa synodum magnam Remis cum Galliarum episcopis habuit*. In: Hermann de Reichenau. *Chronicon*, em *Herimanni Augiensis Chronicon*, editado por Georg Heinrich Pertz. MGH SS. (1844), 5, 129. A respeito das acusações arroladas: Anselmo de Saint-Reims. *Historia Dedicationis Ecclesiae S. Remigii* em *Historia Dedicationis Ecclesiae S. Remigii auctore Anselmo ejusdem loci monacho et aequali*, ed. Jean-Paul Migne. *Patrologiae Latina* (Garnier Frates, 1889-1890), 142, 1432-1436. Para uma avaliação geral do significado histórico do sínodo de Reims: Charles-Joseph Hefele e Henri Leclercq, *Histoire des Conciles d'Après les Documents Originaux* (Librairie Letouzey et Ané, 1911), 4:2, 1011-1023; Georg Gresser, *Die Synoden und Konzilien in der Zeit des Reformpapsttums in Deutschland und Italien von Leo IX. bis Calixt II. 1049-1123* (Brill Schoningh, 2006), 17-21.

o ofício episcopal.” Leão farejou imediatamente o odor fétido exalado pela negociata e intimou o presbítero à sua presença. Ele, então, pegou as moedas que haviam sido aceitas pela Chancelaria, colocou-as no bolso de Guiberto e dardejou um temível versículo bíblico contra o ouvido do trapaceiro: “que o teu dinheiro esteja contigo na perdição, pois tentaste obter o dom de Deus por meio de dinheiro” (Atos 8:20). Quando essas palavras, proferidas há mil anos por São Pedro contra Simão, “o Mago”, terminaram de tropejar, o castigo estava selado: o pontífice o havia expulsado da casa apostólica como um simoníaco. Na realidade, fez muito mais do que isso – ensinou Desidério. As palavras rasgaram a mente daquele violador e, pela fenda que se abriu, entrou a vingança celestial. Guiberto enlouqueceu: “tendo perdido o juízo daquele dia em diante, ele vagueia por toda parte e nenhuma casa ou claustro consegue contê-lo por mais de dois ou três dias.” Na ira vingadora de Deus cintilava a verdade a ser temida por todos: ninguém escapava ao zelo antissimoníaco incrustado no exercício da autoridade papal por Leão IX. Nem o fraudador mais talentosamente audacioso.⁶⁷

67 Tradução livre de segmentos do trecho a seguir: Desiderius: Interim te, karissime frater, silere oportet, quatinus intentus animo adhuc de illo maiora cognoscas. Alio itaque tempore, sicut michi praefatus papa Gregorius retulit, quidam Galliarum episcopus ab eodem beato Leone episcopali fuerat officio suspensus. Cuius quidam presbyter, Gibbertus nomine, facundus sermone et litteris haud mediocriter eruditus, eidem promiserat episcopo se Romam venire atque callidis suis assertionibus eundem beatum pontificem decipere eique sublatum officium restitui impetrare. Sicque ab eo accepta pecunia Romam venit. Cumque se beato pontifici praesentasset, coepit se huc illucque ut callidus serpens vertere episcopumque suum verbis rhetoricis excusare, blandis et humillimis precibus, ut ei interdictum officium iniuste, ut asserebat, ablatum deberet restitui, flagitare. Sed cum id, quod petebat, sibi denegatum fuisset nec eum, ut speraverat, decipere potuisset, ne ad episcopum suum, a quo non parvam acceperat pecuniam, sine effectu reverti videretur, aliud exquisivit ingenium. Adiit itaque apostolicae sedis cancellarium eique oblato pretio persuasit, ut sibi furtivas litteras et apostolico sigillo signatas ad suum episcopum deferendas tribueret, quae et episcopale officium et gratiam apostolicae sedis sibi redditam significarent. Quae res beatum Leonem minime latuit moxque praedictum presbyterum advocans, accepta quam optulerat pecunia eique in sinum mittens, dixit: "Pecunia tua tecum sit in perditione, quia donum Dei furtim temptasti pecuniis optinere" Cuius sermonem ultio mox divina secuta est, ita ut amissa mente ab illa die usque nunc ubique vagabundus incedat nec ulla domus vel claustra ultra duos vel tres dies eum valeant retinere. Qua de re aperte datur intellegi, quod, quisquis temerario ausu Dei famulos vel decipere vel ad iracundiam provocare temptaverit, eum, qui in ipsis habitat, procul dubio Deum offendant eiusque vindicem iram in se sentiat, quam non expertam temere devitare neglexerat. In: Desidério de Montecassino. Dialogi, em Dialogi de miraculis Sancti Benedicti auctore Desiderio Abbate Casinensi, ed. Gerhardus Schwartz e Adolfus Hofmeister. MGH SS, (1934), 30/2, 1144. Ao elaborar a tradução, consultei ainda Giuseppe Sperduti, ed., Desiderio Abate di Montecassino: I Dialoghi sui Miracoli di S. Benedetto (Francesco Ciolfi Ed., 1998), 146-147.

Confiado ao manuscrito concluído em algum momento entre 1076 e 1079,⁶⁸ esse é um dos muitos relatos que provariam o “retorno do sagrado” à Roma durante o governo leonino. Talvez por isso, por estar diluída no largo *corpus* documental que se pode formar com tantas narrativas semelhantes, igualmente exemplares, essa história não tenha atraído a atenção do saber histórico. Não encontrei um único estudo onde ela figure como o objeto de uma análise detida – não passa de um caso visto de relance.⁶⁹ A relativa invisibilidade faz com que um ângulo privilegiado para entrever a autoridade papal em ação nos escape das mãos. Um ângulo que só se permite capturar por meio de uma investigação paciente. Pois o ponto de observação em questão não está situado precisamente naquilo que o texto inscreve. Mas no que ele oculta: por que a narrativa omite o nome do Chanceler? Por que o abade de Montecassino, ao lembrar o *exemplum* de um suborno divinamente reparado, não se deteve em momento algum em quem permitiu à corrupção infiltrar-se na Santa Sé? Por que não há um comentário, uma expressão, um único adjetivo sobre ele e sua conduta? Há certa plausibilidade na indefinição que paira sobre a origem do dinheiro, isto é, o bispo suspenso. Além de ser um caso embaralhado entre tantos outros similares, cabe frizar que Desidério, filho de um príncipe lombardo, aparentemente, nunca pôs os pés na Gália. A imprecisão condiz com a proximidade de seu trato com aquela porção do mundo.⁷⁰ Porém, cardeal desde 1058 – e tendo ouvido tal história, pessoalmente, de quem havia pertencido ao *inner circle* do governo

68 Embora a elaboração dos *Dialogi* tenha começado anos antes: William McCready, “Dating the *Dialogues* of Abbot Desiderius of Montecassino”, *Revue Bénédictine*, 108, n. 1-2, (1998), 145-168. E ainda: Réginald Grégoire, “I dialoghi di Desiderio abate di Montecassino († 1087)”, em *L’Età dell’Abate Desiderio*, 3/1: storia, arte e cultura, ed. Faustino Avagliano e Oronzo Pecere (Publ. Cassinesi, 1992), 215-234.

69 De fato, encontrei apenas uma alusão ao caso: Lioba Geis, “The battle against simony in Norman Italy: perceptions, interpretations, measures and consequences”, em *Rethinking Norman Italy: Studies in Honour of Graham Anthony Loud*, ed. Joanna Drell e Paul Oldfield (Manchester University Press, 2021), 233.

70 Herbert Edward John Cowdrey, “Victor III”, em *Dictionnaire Historique de la Papauté*, dir. Philippe Levillain (Fayard, 2003), 1721-1722. Argumento que mantém a relevância mesmo quando se considera as históricas ligações entre a abadia de Montecassino e o monasticismo da Gália, em especial, Cluny, como exemplarmente explorado em estudo recente: John B. Wickstrom, *Fiction, Memory, and Identity in the Cult of St. Maurus, 830-1270* (Palgrave MacMillan, 2022).

leonino⁷¹ –, é improvável que a identidade de um personagem tão crucial para a concretização do crime que foi divinamente corrigido fosse informação remota, inacessível. Um dos traços mais característicos da literatura polêmica redigida na segunda metade do século XI sobre as ações do “Papado reformador” – e as memórias de Desidério eram esse tipo de literatura⁷² – consistia na personalização das transgressões, em acomodar dentro de um nome os abusos dos quais a Igreja deveria ser libertada. Como espero deixar mais claro adiante, tal omissão não é uma desatenção trivial, desimportante. Não é um singelo piscar de olhos do esquecimento, mas um *acontecimento* narrativo,⁷³ a forma elusiva de uma presença, o não-dito criado pela incidência de um fator ideológico. Dito isso, eis a resposta que proponho: Desidério silenciou-se *porque estava impedido de dizer* aquele nome *por uma regra discursiva singular*, com a qual o Papado estabelecia a realidade social da corrupção. Vejamos como isso ocorreu e qual sua relevância.

Após o sínodo de Reims, o papa seguiu itinerante. Os privilégios e cartas emitidos com seu nome espalham sua presença por um arco de centenas e centenas de quilômetros: Verdun, Metz, Mainz, Verona, Cápua, Salerno, Melfi, Benevento, Siponti. É possível vê-lo, comprovadamente, uma vez mais sob o teto amadeirado do palácio lateranense no dia 29 de abril de 1050. O que significa que a audiência concedida ao presbítero da Gália teve lugar em algum momento entre essa data e o dia 13 de abril de 1053, quando foi lavrado o último registro confiável da presença de Leão na sede do bispado, de onde partiu pouco depois – e os dez meses de vida que restaram desde então transcorreram longe das míticas colinas latinas. Assim sendo, para o incerto momento em que o sacrossanto selo papal foi concedido em troca de uma bolsa sopesada de moedas é possível cogitar três ocupantes para o posto de Chanceler Apostólico.

71 Herbert Edward John Cowdrey, *Pope Gregory VII: 1073-1085* (Oxford University Press, 1998), 27-37; Glauco Maria Cantarella, *Gregorio VII: il papa che in soli dodici anni rivoluzionò la Chiesa e il mondo occidentale* (Salerno Editrice, 2018), 63-70.

72 O conceito de “literatura polêmica” remete à aceção consagrada em: Ian Stuart Robinson, *Authority and Resistance in the Investiture Contest: the polemical literature of the Eleventh Century* (Manchester University Press, 1978). E ainda: Graham Anthony Loud, “Abbot Desiderius of Montecassino and the Gregorian Papacy”, *Journal of Ecclesiastical History*, 30, n.3, (1979), 305-326; Enrico Veneziani, “Between Rome and Montecassino. Re-thinking the Investiture Controversy in the First Half of the 12th Century”, *Quaestiones Medii Aevi Novae*, 23, (2018), 185-211.

73 Sandra Thompson, “‘Subordination’ and narrative event structure”, em *Coherence and Grounding in Discourse*, ed. Tomlin Schenck Russell (John Benjamins Publishing, 1987), 435-354.

O primeiro deles era Pedro (?-1050), um membro da poderosa família dos condes de *Tusculum* que envergava as vestes litúrgicas de diácono desde 1036. Seu nome aparece à frente do título de “Chanceler e Bibliotecário” pela primeira vez em 1042, o que permite afirmar que se tratava de uma figura-chave da administração que havia servido a Bento IX (1022?-1055), o papa conjurado pela posteridade como monstruosamente corrupto.⁷⁴ Mas a imagem de Pedro foi completamente dissociada desse duplo pertencimento a forças que, à época em que Desidério rememorava o que havia de mais significativo no passado, estavam emolduradas na cultura eclesiástica como encarnações da corrupção: os tusculanos (opositores férreos do próprio Leão) e aquele “papa maldito”⁷⁵ (que, aliás, era tusculano). O diácono não só seguiu Chanceler após a chegada dos papas imperiais – sendo mantido, inclusive, por Leão, que impôs ampla reforma àquela seção administrativa – como surge, constantemente, orbitando o Sumo Pontífice nas longas viagens que proporcionavam aos fiéis de terras longínquas a chance de pôr os olhos sobre aquela autoridade até então sem silhueta, gesto e rosto.⁷⁶ Aliás, aqui consta uma informação de enorme importância: Pedro esteve presente no sínodo de Reims como porta-voz da Santa Sé. Quando uma acusação era disparada contra um réu e a sentença apostólica era solenemente declarada, era sua a voz que a audiência ouvia. Estamos diante do veredicto dos simoníacos levados à barra da justiça no “Grande Sínodo” de outubro de 1049. Esse diácono havia sido uma engrenagem essencial do governo papal. Constatação similar se impõe a respeito dos outros possíveis atores para a história de Desidério. São eles Odo (?-1069), exonerado da Chancelaria em janeiro de 1051 – quatro meses após receber a missão de substituir Pedro, falecido – para ser

74 Pouco após a morte de Bento IX, teve início a circulação de relatos sobre visões que o descreviam errando pelas terras itálicas aprisionado em aspecto animalesco, punição pela incomensurável corrupção que havia cometido no interior da Igreja. Ver: Leandro Duarte Rust, *O Homem que foi Três Vezes Papa: corrupção e poder na Idade Média* (Vozes, 2023), 171-173. Quanto à cronologia da trajetória de Pedro: Leo Santifaller, “Saggio di un elenco dei funzionari, impiegati e scrittori della cancelleria pontificia dall’inizio all’anno 1099”, *Bullettino del’Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*, 56, (1940), 140-157.

75 Eric Russell Chamberlin, *The Bad Popes* (Barnes and Nobles, 1969), 62-74.

76 Andrew Philip Smith, *Pope Leo IX 1049-1054: a Study of his Pontificate* (Tese de Doutorado, University of Glasgow, 2018), 117-118; Francesco Massetti, *Leo IX. und die Papstgeschichtliche Wende (1049–1054)* (Böhlau Verlag, 2025), 310-326, 444-484. Para as diversas estratégias e possibilidades de apelo ao sagrado adotadas a partir do pontificado leonino: Steven Vanderputten, “Pope Leo IX and the (Quasi-) Canonization St. Deodatus (1049): hagiography, papal politics, and local competition at the Collegiate Chapter of Saint-Dié”, *Revue d’Histoire Ecclésiastique*, 117, n. 3-4 (2022), 584-619.

pessoalmente investido pelo papa como bispo de Toul, “bispado natal” de Leão, já que essa era sua igreja, ou “noiva espiritual”, antes de ser eleito para a Sé Romana; Frederico Gozzelon (c. 1020-1058), cuja passagem pelo topo da Chancelaria conferiu protagonismo ainda maior ao cargo: antes que completasse os trinta anos, este filho do duque da Lorena e irmão do marquês da Toscana, recebeu, em 1049, o título de “Cardeal Diácono de Santa Maria *in Dominica*” e foi como tal que se tornou porta-voz, conselheiro muito próximo ao papa e, por fim, Chanceler.⁷⁷ Três biografias enlaçadas por Roma, três trajetórias muito distintas. Contudo, em um aspecto fundamental, eles eram o mesmo personagem: um ator *necessário* à efetivação do governo papal.

Eis a regra singular que caracterizava o regime discursivo institucionalizado com o papado que tomou forma a partir de meados do século XI: a ideia de corrupção – tendo por núcleo a simonia, como frizou Noonan – devia, necessariamente, manter uma abertura à indeterminação. Tal aspecto produzia a constante possibilidade de reverter, suspender e romper – e, quando preciso, prolongar e retomar – a cadeia de significados que levavam, à época, os demais agentes políticos a enxergar como corrupção um ato ocorrido à sombra da autoridade apostólica. Essa “versatilidade discursiva” permitia que os atores do poder pontifício formulassem e exibissem à consideração pública autorizações específicas para levar adiante ações inapelavelmente necessárias ao exercício do poder eclesiástico. Essa abertura surge narrada de maneira contundente, em nada sutil, por outro notório defensor dos cursos de ações vinculados à memória de Gregório VII: Rangério (?-1112), bispo de Lucca. Em uma *Vita* dedicada à trajetória do predecessor posteriormente conhecido como Anselmo “o Jovem” (c. 1036-1086), Rangério se põe a narrar uma cena em que o tio desse último – Anselmo, “o Velho” (c.1010-1073) – realiza um exame de consciência em viva voz a respeito das medidas realizadas durante a guerra travada contra outro bispo toscano pela prerrogativa de sentar-se no Trono de São Pedro. Medidas que, em outras ocasiões, conduziram numerosos eclesiásticos a um ponto sem retorno para a legalidade canônica. Eis o que o “Velho” Anselmo teria dito: “eu, miserável e cativo do amor pela Sé Romana, desviei os dízimos e os

77 Ver: Franz-Josef Schmale, “Étienne IX”, em *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, ed. Roger Aubert e Étienne van Cauwenbergh (Lib. Letouzey et Ané, 1963), 15, 1198–1203; Mary Stroll, *Popes and Antipopes: the politics of Eleventh Century Church Reform* (Brill, 2012), 33-50; Karl Augustin Frech, “Lothringer in Rom in der Zeit der ‘Deutschen’ Päpste”, em *Lotharingen und das Papsttum im Früh- und Hochmittelalter*, ed. Klaus Herbers e Harald Müller (Walter de Gruyter GmbH, 2017), 79-82.

dei a cavaleiros e vendi as cortes por dinheiro e fiz concessões em *livello*, dei prebendas para pagamento de dinheiro e fiz muitas coisas sobre as quais devo chorar muito com longa tristeza”. Contudo, proclamou o réu confesso, desafiadoramente: “tu, ganancioso Simão Mago, não contaminarás este homem com tuas manchas [...], que me poluíram com várias e vergonhosas marcas”. Até que, enfim vitorioso e ungido como Papa Alexandre II, promete, implacável: “oh, que guerras aguardam os simoníacos e que feridas intoleráveis para os cismáticos!”⁷⁸ Ainda que imaginadas, fictícias, se preferirmos, tais palavras foram formuladas para *construir um campo de ação*. Não para Alexandre II, evidentemente, mas para o próprio redator. Ao compor a *Vita*, entre 1096 e 1099, Rangério podia dispor de um patrimônio episcopal limitado, restringido, em especial, pela oposição do clero secular local, o Capítulo da Catedral de São Matrinho.⁷⁹ O que foi narrado como um eco do ontem era uma iniciativa para colonizar o amanhã: a fixação de um precedente que permitisse lançar mão de bens clericais, inclusive para oferecê-los a leigos como elo de uma nova e necessária aliança à preservação das decisões episcopais, sem tornar-se alvo da fama de violador da “liberdade da Igreja”. Rangério buscava, nos usos do passado, um meio de conter a propagação da ideia de corrupção: pois ele precisava efetivar o senhorio episcopal – como Desidério efetivara o domínio econômico de Montecassino aliando-se aos excomungados normandos – sem que caísse sobre sua cabeça o estigma de simoníaco, como reformadores como ele tantas vezes fizeram

78 As citações resultam de uma seleção e reorganização expositiva de segmentos retirados do seguinte trecho (em uma tradução livre): *O quae bella manent, quae vulnera symoniales / Et quam scismaticis intolerabilia! / Non hunc sub specie cuiuslibet utilitatis / Inficies maculis, Symon avare, tuis, / Quae me, cum fureres Cadulumque in bella vocares, / Aspersere notis turpibus et variis, / Cum miser et captus Romanae sedis amore / Distraxi decimas militibusque dedi, / Distraxi praetio curtes fecique libelos, / Prebendas praetii sub datione dedi, / Et quae multa mihi longo plangenda dolore, / Ne his incorrectis tollat amara dies*. In: Rangério de Lucca. *Vita Metrica S. Anselmi*, em *Vita Metrica S. Anselmi Lucensis Episcopi auctore Rangerio Lvcensi*, editado por Ernst Sackur, Gerhard Schwartz; Bernhard Schmeidler. MGH SS, (1834), 30.2, 1165-1166. Durante a realização da tradução consultei ainda a tradução italiana: Roberta Amari, ed., *Rangerio: Il Poema di Anselmo, Vescovo di Lucca* (Pisa University Press, 2015), 46. Alexandre II enfrentou graves acusações de simonia, de modo que, por anos após sua eleição, ocorrida em 1061, sua legitimidade acumulou significativos revezes quanto a alcançar a adesão majoritária da aristocracia cristã, eclesiástica tanto quanto leiga, germânica tanto quanto itálica. Para uma visão de conjunto: Leandro Duarte Rust, *Bispos Guerreiros: violência e fé antes das cruzadas* (Vozes, 2018), 214-282; Maria Vezzoni, *Alessandro II (1061-1073): reti politiche e prassi di governo di un pontefice liminare*. (Tese de Doutorado, Università di Torino, 2019), 63-218.

79 Georges Bishcoff e Benoît-Michel Tock, ed., “Léon IX et Son Temps”, 33-160.

com outros prelados.⁸⁰ Essa construção retórica da realidade social consiste no que Laclau designou como “o efeito hegemônico” do significante vazio: viabilizar condições para desestruturar-reestruturar relações sociais ao enunciar um conteúdo ideológico particular como nome universal, generalizável como representação social e assimilável a diferentes grupos e visões de mundo.⁸¹

Rangério, Desidério e outros personagens proeminentes, cujas ações tornavam-se realidade na linguagem mobilizada – de maneira especial, mas não exclusivamente – sob a égide do Papado, não ignoravam a nítida linha que separava corrupção e anticorrupção; tampouco me parece que a cruzavam maquiavelmente, de um modo intencional ou até mesmo cínico: estavam aprimorando a habilidade de deslocá-la, de torná-la uma fronteira móvel e demarcá-la de novo e de novo conforme as circunstâncias e necessidades de cada contexto, preservando uma coerência e uma admissibilidade mínimas para outros agentes sociais. O Papado serviu-se,

80 Precisamente o que ocorreu nas décadas seguintes sob a regência política de Rangério e seus sucessores: a historiografia usualmente denomina essa recomposição do poder episcopal junto às elites clericais e leigas urbanas de “novo equilíbrio social”. Ver: Raffaele Savigni, “La Signoria Vescovile Lucchese tra XI e XII Secolo: consolidamento patrimoniale e primi rapporti con la classe dirigente cittadina”, *Aevum*, 67, n. 2 (1993), 333-367; Chris Wickham, *Comunità e clientele nella Toscana del XII secolo: le origini del comune rurale nella Piana di Lucca* (Viella Editrice, 1995); Chris Wickham, “La Signoria Rurale in Toscana”, em *Strutture e Trasformazioni della Signoria Rurale nei secoli X-XIII*, ed. Gerhard Dilcher e Cinzio Violante (Il Mulino, 1996), 343-409; Raffaele Savigni, “Rapporti vassallatico-beneficiari, lessico feudale e ‘militia’ a Lucca (s. XII-XIII): primi sondaggi”, em *Praeterita Facta: scritti in onore di Amleto Spicciari*, ed. Alessandro Merlo e Emanuele Pellegrini (ETS, 2006), 235-308; Lorenzo Tabarrini, *The Countryside of Florence and Lucca during the High Middle Ages (11th-13th Centuries): a study on land management and its change* (Tese de Doutorado, Oxford University, 2019), 154-213.

81 Ernesto Laclau, “Identity and Hegemony”, 58-70. Como esclarece o filósofo argentino (em uma tradução livre): “Não existe uma separação tão estrita entre facto e valor. Uma atividade prática orientada por valores será confrontada com problemas, facilidades, resistências e assim por diante, que construirá discursivamente como ‘factos’ — factos, porém, que só poderiam ter emergido na sua facticidade a partir de tal atividade. Uma teoria da hegemonia não é, neste sentido, uma descrição neutra do que se passa no mundo, mas uma descrição cuja própria condição de possibilidade é um elemento normativo que rege, desde o início, qualquer apreensão de ‘factos’ como factos que possa haver.” No texto original: *There is no such strict separation between fact and value. A value-orientated practical activity will be confronted with problems, facilities, resistances, and so on, which it will discursively construct as ‘facts’ - facts, however, which could have emerged in their facticity only from within such activity. A theory of hegemony is not, in that sense, a neutral description of what is going on in the world, but a description whose very condition of possibility is a normative element governing, from the very beginning, whatever apprehension of ‘facts’ as facts there could be.* In: LACLAU, Ernesto. “Identity and Hegemony”, 80. Ver ainda: Ernesto Laclau, *The Rhetorical Foundations of Society* (Verso, 2014), 79-137.

reiteradamente, desse poder de *retemporalizar a corrupção* para abrir negociações, propor cenários alternativos e fabricar soluções práticas para obter adesão e obediência voluntárias de forças concorrentes. Se não enxergamos sua presença noutros registros históricos, além das narrativas, com tamanha clareza analítica é porque homens como Leão IX e Gregório VII o expressaram com outros nomes: “temperança ao decidir” (*discretionis temperatia*), “piedade” (*pietas*) e “misericórdia” (*misericordia*) em face de um pecador; concessão às “atribulações” (*tribulationis*) vividas, uma “angústia” (*angustia*) a se tolerar (*tolerare*) para avançar em direção à correta ordem do mundo.⁸² O caráter contingente da corrupção como fenômeno social era vivido como uma “tolerância prática”⁸³ que ocorria *frequentemente* durante as décadas em que a ideia de simonia teria provocado um “pânico moral” coletivo porque supostamente feria a moderna consciência jurídica que então teria se difundido no interior da Igreja Latina.⁸⁴

Biblicamente fundada, teologicamente desenvolvida, canonicamente detalhada, *a simonia foi um conceito fundamentalmente político*. Isso porque a percepção e o combate à corrupção foram vividos, no bojo da “Reforma Gregoriana”, como parte de um processo – mutável, descontínuo e eivado de incertezas – de constantes negociações e da viabilização de uma difícil emancipação política. O *tempo da corrupção* abrigava a arte do possível para o poder papal.

82 Johannes Laudage, “Gregor VII. – ein intoleranter Papst?“, Vorträge und Forschungen: Toleranz im Mittelalter, 45 (1998), 70.

83 Wilfried Hartmann, “Toleranz im Investiturstreit“, Vorträge und Forschungen: Toleranz im Mittelalter, 45 (1998), 51. Ver também: Ovidio Capitani, Tradizione ed Interpretazione: dialettiche ecclesiologie del sec. XI (Jouvence, 1990), 185-232; Leandro Duarte Rust, “Inventando Gregório VII: os ‘Ad Heinricum IV Imperatorem libri VII’ e a busca pela medida do passado“, Varia Historia, 31, n. 55 (2015), 21-51.

84 A caracterização da “Reforma Gregoriana” como época de uma revolucionária modernização jurídica do Papado é um topos dominante na historiografia desde o início dos anos 1980, quando veio a público Law and Revolution, síntese rapidamente consagrada como “paradigmática” na escrita da História do Direito. Ver: Harold J Berman, Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition (Harvard University Press, 1983). A atualidade dessa caracterização pode ser vista em Cristina Catalina Gallego, “Corrupción e Institución en la época medieval: La persecución eclesiástica de la desobediencia“, Eunómia: Revista en Cultura de la Legalidad, Madrid, 26 (2024), 229-252.

Um arremate

Em um relevante texto publicado em 2015, o historiador francês Florian Mazel se pôs diante de uma dúvida que toca o coração pulsante da imagem política característica do Papado, da Igreja e da própria Cristandade medieval: houve uma relação singularmente gregoriana entre verdade e autoridade? A resposta apresentada, muitíssimo representativa do que consta nos livros de história, foi esta: “o período gregoriano parece ser o momento em que [...] uma concepção absoluta e universal da verdade se desenvolveu sob a pena dos clérigos, sobre a qual eles basearam a legitimidade de suas ações contenciosas.”⁸⁵ Os ideais reformadores, entre os quais figuravam as maneiras de lidar com o suborno clerical – isto é, a simonia –, teriam sido, portanto, convertidos em verdades universais e absolutas que, tendo no Papado seu guardião e juiz supremo, teriam sido aplicadas sobre o conjunto das relações entre Igreja e sociedade latina, criando um índice para a “realidade dos fatos” inédito, desconhecido pela justiça “feudal”, incorrigivelmente regida pelos costumes, pela oralidade e pelo casuísmo. Embora o “absoluto e universal” seja um valor objetivamente presente nas coleções canônicas que se multiplicaram sob a égide reformadora a partir do século XI, a História da Corrupção traz à tona uma *ética política* delineada por contornos outros como fundamento da “Reforma Gregoriana”. Por meio de sua lente interpretativa, categorias normativas vitais aos cursos de ação levados adiante em nome do papa – “como lidar com a simonia?” – emergem com um “significante vazio”: mutáveis, polissêmicas, reversíveis, adaptáveis. Em uma palavra, constantemente abertas à indeterminação. São, de fato, persuasivos os indícios de que tal “versatilidade discursiva” foi essencial para o desenrolar e a legitimação das ações contenciosas envolvendo o Papado como instituição. Pois instaurava novo terreno para negociar condutas, elaborar soluções e preservar atores e interlocutores sociais. A multifuncionalidade – não o formalismo – da “verdade papal” propiciou a perpetuação de uma governança de inéditas dimensões. Retocando a imagem da “Reforma Gregoriana” como o berço da “Teocracia Papal”, Mazel atrelou processos – aparentemente, como

85 Em livre tradução de: “le moment grégorien apparaît cependant comme le moment où se déploie sous la plume des clercs [...] une conception absolue et universelle de la vérité sur laquelle ils fondent la légitimité de leurs actions contentieuses.” In: Florian Mazel, “Vérité et autorité: y a-t-il un moment grégorien?”, em *La Vérité: vérité et crédibilité: construire la vérité dans le système de communication de l'Occident (XIIIe-XVIIe siècle)*, editado por Jean-Philippe Genet (Éditions de la Sorbonne, 2015), 29 de outubro de 2025, <https://books.openedition.org/psorbonne/6665>.

sinônimos – que são, na realidade, distintos; quiçá, opostos. A luta contra a simonia, guiada pela virtual onipresença do dinheiro, de fato pôs em movimento estratégias de universalização discursiva. Contudo, no que tange aos efeitos hegemônicos alcançados por uma força política, “universalizar”, como esclareceu Laclau, consiste em irradiar sobre a compreensão do outro acerca do real – sob a imagem de signo comum – *demandas contextualizadas e propósitos particulares*, de modo que o universal é, em seu fundamento ideológico, contingente, moldável, inacabado. Politicamente falando, o signo universalizado é a representação de uma impossibilidade. Se a “absolutização” implicar a elaboração de uma medida permanente de sentido, a fixidez e imobilidade da semântica dos enunciados cabíveis à ação política, então, estaremos diante de um processo antitético à universalização: sob essa compreensão, absolutizar é criar um poderoso obstáculo – não um meio ou requisito – para tornar-se hegemônico no exercício do poder. Neste sentido, a condução e a manutenção do governo papal estavam mais próximas de lógicas vigentes no próprio mundo senhorial do século XI do que de uma “verdade absoluta” proclamada por uma “teocracia papal”, que teria centralizado, burocratizado e modernizado, *avant la lettre*, o mundo latino. A História da Corrupção demonstra que há muito por redescobrir a respeito da “Reforma Gregoriana”.

Referências

Documentos em Edições Modernas

Amato de Montecassino. *Historia Normannorum*, em *A História dos Normandos* (c. 1086 EC), editado por Thomas Bonnici. Diálogos Edições, 2021.

Anônimo. *Vita Leonis IX*, em *Die Toulser Vita Leos IX*, editado por Hans-Georg Krause, Detlev Jasper e Veronika Lukas. MGH SS. Rer. Germ., 2007, 70.

Anônimo. *Vita Leonis IX*, em *The Papal Reform of The Eleventh Century: lives of Pope Leo IX and Pope Gregory VII*, editado por Ian Stuart Robinson. Manchester University Press, 2004.

Anônimo. *Vita Leonis IX*, em *Vie et Miracles du Pape S. Leon IX*, editado por Albert Poncelet. *Analecta Bollandiana*, 25 (1906), 284-288.

Anselmo de Saint-Reims. *Historia Dedicationis Ecclesiae S. Remigii* em *Historia Dedicationis Ecclesiae S. Remigii* auctore Anselmo ejusdem loci monacho et aequali, editado por Jean-Paul Migne. *Patrologiae Latina*. Garnier Fratres, 1889-1890, 142.

Bertoldo de Reichenau. *Chronicon*, em *Die Chroniken Bertholds von Reichenau und Bernolds von Konstanz 1054–1100*, editado por Ian Stuart Robinson. *MGH SS rer. Germ. N.S.*, 2013, 14.

Bertoldo de Reichenau. *Chronicon*, em *Eleventh-Century Germany: The Swabian Chronicles*, editado por Ian Stuart Robinson. Manchester University Press, 2008.

BÍBLIA. Novo Testamento: os Quatro Evangelhos, traduzido por Frederico Lourenço. Companhia das Letras, 2017.

Bíblia. *The Vulgate Bible*. Vol. VI: *The New Testament – Douay-Rheims translation*, editado por Angela M. Kinney. Harvard University Press, 2013.

Bonizo de Sutri. *Liber Ad Amicum* em *Bonizonis Episcopi Sutrini Liber Ad Amicum*, editado por Ernest Dümmler. *MGH Ldl*. 1841, 1.

Desidério de Montecassino. *Dialogi*, em *Desiderio Abate di Montecassino: I Dialoghi sui Miracoli di S. Benedetto*, traduzido por Giuseppe Sperduti. Francesco Ciolfi Editore, 1998.

Desidério de Montecassino. *Dialogi*, em *Dialogi de miraculis Sancti Benedicti auctore Desiderio Abbate Casinensi*, editado por Gerhardus Schwartz e Adolfus Hofmeister. *MGH SS*, 1934, 30/2.

Donizo. *Vita Mathildis*, em *Donizonis Vita Mathildis*, editado por Edente Ludovico Bethmann. *MGH SS*, 1856, 12.

Donizo. *Vita Mathildis*, em *Donizone Vita di Matilde di Canossa*, editado por Paolo Golinelli. Jaca Book, 2008.

Gregorio VII. *Registrum*, em *Das Register Gregors VII*, editado por Eric Caspar. *MGH Epp. sel.*, 1920, 1.

Hermann de Reichenau. *Chronicon*, em *Herimanni Augiensis Chronicon*, editado por Georg Heinrich Pertz. *MGH SS.*, 1844, 5.

Humberto de Silva Cândida. *Libri Tres Adversus Simoniacos*, em *Humberti Cardinalis Libri Tres Adversus Simoniacos*, editado por Elaine Golden Robison. Tese de Doutorado, Princeton University, 1971.

Leão Marsicano e Pedro Diácono. *Chronica monasterii Casinensis*, em *Cronaca Monastero Cassinense*, editado por Francesco Gigante. Francesco Ciolfi Editore, 2016.

Leão Marsicano e Pedro Diácono. *Chronica monasterii Casinensis*, em *Die Chronik von Montecassino*, editado por Hartmut Hoffman. MGH SS, 1980, 34.

Pedro Damião. *Liber Gratissimus*, em *Die Brief des Petrus Damiani*, editado por Kurt Reindel. MGH Briefe d. dt. Kaiserzeit, 1983, 1.

Rangerio de Lucca. *Vita Metrica S. Anselmi Lucensis*, em *Il Poema di Anselmo, Vescovo di Lucca*, editado por Roberta Amari. Pisa University Press, 2015.

Rangério de Lucca. *Vita Metrica S. Anselmi*, em *Vita Metrica S. Anselmi Lucensis Episcopi auctore Rangerio Lvcensi*, editado por Ernst Sackur, Gerhard Schwartz; Bernhard Schmeidler. MGH SS, 1834, 30.2.

Estudos

A.J. Maclean. “Simony”, em *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, editado por James Hasting. T&T Clark e Charles Scribner’s Sons, 1920, 11, 525-528.

Abigail Firey. “For I Was Hungry and You Fed Me”: Social Justice and Economic Thought in the Latin Patristic and Medieval Christian Traditions”, em *Ancient and Medieval Economic Ideas and Concepts of Social Justice*, editado por Stanley Todd Lowry e Barry Gordon. Brill, 1998.

Adriana Romeiro. *Ladrões República: corrupção, moral e cobiça no Brasil, séculos XVI e XVIII*. Fino Traço, 2023.

Akhil Gupta. “Narrating the State of Corruption”, em *Corruption: anthropological perspectives*, editado por Dieter Haller e Cris Shore. Ann Arbor, 2005.

Akhil Gupta. “Narratives of corruption: Anthropological and fictional accounts of the Indian state”, *Ethnography*, 6, n. 1 (2005), 5-34.

Alberto Ferreiro. *Simon Magus in Patristic, Medieval and Early Modern Traditions*. Brill, 2005.

Alessandro Recchia. “La riforma ecclesiastica e il problema della simonia come eresia: Pier Damiani e Umberto da Silva Candida a confronto”, em *Pier Damiani (1072): figura, aspetti dottrinali e memoria nella diocesi di Velletri*, editado por Francesco Cipollini. Edizioni EVA, 2003.

Alessandro Recchia. *Symoniaca Heresis: denaro e corruzione nella Chiesa da Gregorio Magno a Graziano*. Urbaniana University Press, 2022.

Alexander Murray. *Reason and Society in the Middle Ages*. Clarendon Press, 1978.

Amy Remensnyder. “Pollution, Purity, and Peace: aspects of social reform between the Late Tenth Century and 1076”, em *The Peace of God: social violence and religious response in France around the Year 1000*, editado por Thomas Head e Richard Landes. Cornell University Press, 1992.

Andrew Philip Smith. *Pope Leo IX 1049-1054: a Study of his Pontificate*. Tese de Doutorado, University of Glasgow, 2018.

Andrew Smith. “Pope Leo IX: a Reforming Pope?” *History Compass*, 17 (2019), 1-13.

Anthony Perron. “Scandal of the Church, Prison of the Soul: the problem of bad custom in Twelfth and Thirteenth-Century Canon Law and Practice”, *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, 47, n. 3, (2021) 20-38.

Ariane Lorke. *Kommunikation über Kirchenreform im 11. Jahrhundert (1030-1064)*. Jan Thorbecke Verlag, 2019.

Arnaud Fossier. “La contagion des péchés (xi^e-xiii^e siècle). Aux origines canoniques du biopouvoir”, *Tracés: Revue de Sciences Humaines*, 21 (2011), 23-39.

Augustin Fliche. “Y a-t-il eu en France et en Angleterre une querelle des investitures?” *Revue Bénédictine*, 46 (1934), 283-295.

Barbara Franzé. “Art et Réforme Grégorienne à Zillis: les tentations du Christ comme image de victoire sur la simonie”, em *Les Tentations du Christ: Actes du Colloque Graphè*, editado por Jean-Marc Vercruysse. Artois Presses Université, 2022.

Barbara Franzé. *L'Église et les Églises: iconographie du monde grégorien* (Rome, Italie, France). Brepols, 2024.

Carolina Lo Nero. "Christiana Dignitas: new christian criteria for citizenship in the Late Roman Empire", *Medieval Encounters*, 7, n. 2 (2001), 142-164.

Caterina Ciccopiedi. "Symony declensions of a Lemma: the Florentine Case", em *Krise und Aufbruch. 'Deutschland' und 'Italien' jenseits des Investiturstreits* (ca. 1050- ca. 1130), editado por Étienne Dublier e Enrico Faini. De Gruyter, 2025.

Caterina Ciccopiedi. "La simonia a Firenze nel secolo XI: un fraintendimento volontario?" em *(Fra)intendimenti: studi italo-tedeschi sugli equivoci nella comunicazione (secoli XI-XV)*, editado por Maria Alberzoni, Nicolan-gelo D'Acunto, Jochen Johrendt e Jessika Nowak. Vita e Pensiero, 2024.

Caterina Ciccopiedi. "La simonia: un bilancio storiografico e nuove prospettive", *Studi Medievali*, 64 (2023), 347-374.

Charles De Miramont. "Spiritualia et Temporalia: naissance d'un couple", *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*, 92, n. 1 (2006), 224-287.

Charles West. "Competing for the Holy Spirit: Humbert of Moyenmoutier and the question of Simony", em *Compétition et Sacré au Haut Moyen Âge: entre méditation et exclusion*, dirigido por Philippe Depreux, François Bou-gard, e Regine Le Jan. Brepols, 2015.

Charles West. "The Simony Crisis of the Eleventh Century and the 'Letter of Guido'", *The Journal of Ecclesiastical History*, 73, n. 2 (2022), 229-253.

Charles-Joseph Hefele e Henri Leclercq. *Histoire des Conciles d'Après les Documents Originaux*. Ed. Librairie Letouzey et Ané, 1911.

Chris Wickham. "La Signoria Rurale in Toscana", em *Strutture e Trasformazioni della Signoria Rurale nei secoli X-XIII*, editado por Gerhard Dilcher e Cinzio Violante. Il Mulino, 1996.

Chris Wickham. "The financing of Roman city politics, 1050-1150", em *Europa e Italia: Studi in onore di Giorgio Chittolini*. Firenze University Press, 2011.

Chris Wickham. *Comunità e clientele nella Toscana del XII secolo: le origini del comune rurale nella Piana di Lucca*. Viella Ed., 1995.

Claudia Bovo. “O combate à simonia na correspondência de Pedro Damiano: uma retórica reformadora do século XI?”, *Anos 90*, 20, n. 38 (2013), 75-101.

Collin Morris. “Judicium Dei’: the social and political significance of the ordeal in the eleventh century”, *Studies in Church History*, 12 (1975), 95-111.

Cristina Catalina Gallego. “Corrupción e Institución en la época medieval: La persecución eclesiástica de la desobediencia”, *Eunomía: Revista en Cultura de la Legalidad*, Madrid, 26 (2024), 229-252.

David D’Avray. “Simony, Penitentiary, Conscience”, em *Popes, Bishops, Religious, and Scholars: studies in Medieval History presented to Patrick N. R. Zutshi for his Seventieth Birthday*, editado por Peter D. Clarke e Michael Robson. Brepols, 2024.

David Levine. *At the Dawn of Modernity: biology, culture, and material life in Europe after the Year 1000*. University of California Press, 2001.

Diana Wood. *Medieval Economic Thought*. Cambridge University Press, 2002.

Dominique Iogna-Pratt. *La Maison Dieu: une Histoire Monumentale de l’Église au Moyen Âge*. Seuil, 2006.

Dyan Elliot. “The Priest’s Wife: female erasure and the Gregorian Reform”, em *Medieval Religion: new approaches*, editado por Constance Hoffman Berman (Routledge, 2005).

Eni Puccinelli Orlandi, org. *Análise do Discurso: Michel Pêcheux*. Pontes Editores, 2011.

Enrico Veneziani. “Between Rome and Montecassino. Re-thinking the Investiture Controversy in the First Half of the 12th Century”, *Quaestiones Medii Aevi Novae*, 23, (2018), 185-211.

Eric Russell Chamberlin. *The Bad Popes*. Barnes and Nobles, 1969.

Ernesto Laclau. “Identity and Hegemony: the role of universality in the constitution of politics logics”, em *Contingency, Hegemony, Universality*, organizado por Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek. Verso, 2000.

Ernesto Laclau. *Emancipação e Diferença*. Editora da UERJ, 2011.

Ernesto Laclau. *The Rhetorical Foundations of Society*. Verso, 2014.

Filippo Carlà-Uhink e Marta García Morcillo. “Discursive Constructions of Corruption in Ancient Rome: Introduction”, *Cultural History*, 13, n.1 (2024), 1-11.

Florian Mazel. “La réforme grégorienne: un tournant fondateur (milieu XIe-début XIIe siècle)”; “La réforme grégorienne: un nouvel ordre social et seigneurial (milieu XIe-XIII siècle)”, em ., *Nouvelle Histoire du Moyen Âge*, dirigido por Florian Mazel. Seuil, 2021.

Florian Mazel. “Vérité et autorité: y a-t-il un moment grégorien?”, em *La Vérité: vérité et crédibilité: construire la vérité dans le système de communication de l’Occident (XIIIe-XVIIe siècle)*, editado por Jean-Philippe Genet (Éditions de la Sorbonne, 2015), 29 de outubro de 2025, <https://books.openedition.org/psorbonne/6665>.

Francesco Massetti. *Leo IX. und die Papstgeschichtliche Wende (1049–1054)*. Böhlau Verlag, 2025.

Francesco Salvestrini. “Conflicts and continuity in the Eleventh-Century religious reform: the traditions of San Miniato al Monte in Florence and the Origins of the Benedictine Vallombrosan Order”, *The Journal of Ecclesiastical History*, 72, n. 3 (2021), 491-508.

Franz-Josef Schmale. “Étienne IX”, em *Dictionnaire d’Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, editado por Roger Aubert e Étienne van Cauwenbergh. Lib. Letouzey et Ané, 1963.

Georg Gresser. *Die Synoden und Konzilien in der Zeit des Reformpapsttums in Deutschland und Italien von Leo IX. bis Calixt II. 1049-1123*. Brill Schöningh, 2006.

Georg Schwaiger. “Kirchenreform und Reformpapsttum (1046-1124)”, *Münchener Theologische Zeitschrift*, 38 (1987), 31-51.

Georges Bischoff e Benoît-Michel Tock, ed. *Léon IX et Son Temps: actes du colloque international organisé par l’Institut d’Histoire Médiévale de l’Université Marc-Bloch*. Brepols, 2006.

Giacomo Todeschini. “Money as Metaphor and Symbol: from the Patristic Era to the Twelfth Century”, em *The Palgrave Handbook of Philosophy and Money*, 1: *Ancient and Medieval Thought*, editado por Joseph J. Tinguely. (Palgrave Macmillan, 2024).

Gianmarco Giuliano. "Reformatio or restauratio? The rehabilitation of Pope Gregory VII in Catholic historiography after Trent", *Renaissance Studies: Journal of the Society for Renaissance Studies*, 35, n. 1 (2021), 146-164.

Giovanni Battista Borino. "I decreti di Gregorio VII contro i simoniaci e i nicolaiti sono del sinodo quaresimale del 1074", *Studi Gregoriani*, 6 (1959-1961), 277-295.

Giovanni Miccoli. "Il problema delle ordinazioni simoniache e le sinodi Lateranensi del 1060 e 1061", *Studi Gregoriani*, 5 (1956), 33-81.

Giuseppe Fornasari. *Medioevo Riformato del Secolo XI: Pier Damiani e Gregorio VII*. Liguori Editore, 1996.

Glauco Maria Cantarella e Arturo Calzona, ed. *La Reliquia del Sangue di Cristo: Mantova, l'Italia e l'Europa al tempo di Leone IX*. Scripta Edizioni, 2012.

Glauco Maria Cantarella. "Simonie", em *Dictionnaire Encyclopédique du Moyen Âge*, editado por André Vauchez, Barrie Dobson e Michael Lapidge. Ed. Cerf, 1997.

Glauco Maria Cantarella. *Gregorio VII: il papa che in soli dodici anni rivoluzionò la Chiesa e il mondo occidentale*. Salerno Editrice, 2018.

Graham Anthony Loud. "Abbot Desiderius of Montecassino and the Gregorian Papacy", *Journal of Ecclesiastical History*, 30, n.3, (1979), 305-326.

Greta Austin. "New Narratives for the Gregorian Reform", em *New Discourses in Medieval Canon Law Research: challenging the master narrative*, editado por Christof Rolker. (Brill, 2019), 44-57.

Hanna Vollrath. "L'accusa di simonia tra le fazioni contraposte nella lotta per le investiture", em *Il Secolo XI: una svolta?*, editado por Cinzio Violante e Johannes Fried. Società Editrice il Mulino, 1993.

Hans Meier-Wecke "Die Simonie im frühen Mittelalter", *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 64, n. 1/2 (1952), 61-93.

Harold J Berman. *Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition*. Harvard University Press, 1983.

Herbert Edward John Cowdrey. "Ideological Friendship in the Middle Ages: Bonizo of Sutri and His 'Liber Ad Amicum'", em *Friendship in the Middle*

Ages and Early Modern Age: explorations in a fundamental discourse, editado por Albrecht Classen e Marilyn Sandidge. Walter de Gruyter, 2010.

Herbert Edward John Cowdrey. “Victor III”, em *Dictionnaire Historique de la Papauté*, dirigido por Philippe Levillain. Fayard, 2003.

Herbert Edward John Cowdrey. *Pope Gregory VII: 1073-1085*. Oxford University Press, 1998.

Herbert Edward John Cowdrey. *The Age of Abbot Desiderius: Montecassino, the Papacy, and the Normans in the Eleventh and Early Twelfth Centuries*. Clarendon Press, 1983.

Howard Bloch. “Money, metaphor, and the mediation of social difference in Old French Romance”, *Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures*, 35, n. 1, (1981), p. 18-33.

Ian Patrick McDole. *Wise as a Serpent, Gentle as a Dove: Bruno of Toul and the making of Pope Leo IX*. Tese de Doutorado, Oxford University, 2022.

Ian Stuart Robinson. “Privilegium Romanæ Ecclesiæ: the language of Papal Authority over the Church in the Eleventh Century”, em *Authority and Power in the Medieval Church, c.1000-c.1500*, editado por Thomas W. Smith. Brepols, 2020).

Ian Stuart Robinson. *Authority and Resistance in the Investiture Contest: the polemical literature of the Eleventh Century*. Manchester University Press, 1978.

Ina Kubbe e Annika Engelbert, ed. *Corruption and Norms: why informal rules matters*. Palgrave Macmillan, 2018.

Isabelle Rosé. “Simon le Magicien hérésiarque? L’invention de la simoniacal heresis par Grégoire le Grand”, em *Aux Marges de l’Hérésie: inventions, formes et usages polémiques de l’accusation d’hérésie au Moyen Âge*, dirigido por Franck Mercier e Isabelle Rosé. Presses Universitaires de Rennes, 2018.

Jacques Le Goff. *A Bolsa e a Vida: a usura na Idade Média*. Brasiliense, 2004.

Jacques Le Goff. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Civilização Brasileira, 2013.

James Norrie. “Gendering Money: How Women and Men Used Coin in Eleventh-Century Northern Italy”, em *Small Change in The Early Middle Ages*:

new perspectives on coined money, c. 400-1100, editado por Rory Naismith. Brepols, 2025.

Jean Leclercq. “Simoniaca Heresis”, *Studi Gregoriani*, 1 (1947), 523-530.

Jean-Hervé Foulon. “La Réforme de l’Église entre Ecclésiologie, Pouvoir et Société (Xe-XIIe siècles)”, em *Église, Société et Pouvoir dans la Chrétienté Latine (910-1274)*, dirigido por Christine Bousquet-Labouérie e Patrick Henriot. Ellipses Éd., 2023.

Jehangir Y. Malegam. “Pro-Papacy Polemic and the Purity of the Church: the Gregorian Reform”, em *A Companion to the Medieval Papacy: growth of an ideology and institution*, editado por Keith Sisson e Atria A. Larson. Brill, 2016.

Johannes Laudage. “Gregor VII. – ein intoleranter Papst?”, *Vorträge und Forschungen: Toleranz im Mittelalter*, 45 (1998), 54-73.

John A. Dempsey. *Bonizo of Sutri: Portrait in a Landscape*. Lexington Books, 2023.

John B. Wickstrom. *Fiction, Memory, and Identity in the Cult of St. Maurus, 830-1270*. Palgrave MacMillan, 2022.

John Gilchrist. “Simoniaca Haeresis and the Problem of Orders from Leo IX to Gratian”, em *Proceedings of the Second International Congress of Medieval Canon Law*, editado por Stephan Kuttner e John Joseph Ryan. (*Congregatio de Seminariis et Studiorum Universitatibus*, 1965), 1.

John Gilchrist. “The ‘Epistola Widonis’: ecclesiastical reform and canonistic enterprise 1049-1141” em *Authority and Power: studies on medieval law and government presented to Walter Ullmann on his seventieth birthday*, editado por Brian Tierney e Peter Linehan. Cambridge University Press, 1980.

John Moorhead. “The Pope, the archdeacon, and the clergy”, em *The Cambridge History of The Papacy, 2: The Governance of the Church*, editado por Joëlle Rollo-Koster, Robert Ventresca, Melodie H. Eichbauer e Miles Pattenden. Cambridge University Press, 2025.

John T. Noonan Jr. *Subornos*. Traduzido por Elsa Martins. Bertrand Brasil, 1989.

José Carlos Rodrigues. *O Corpo na História*. Editora Fiocruz, 1999.

Joseph H. Lynch. *Simonical Entry into Religious Life from 1000 to 1260: a social, economic, and legal study*. Ohio State University Press, 1976.

Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek. *Contingency, Hegemony, Universality: contemporary dialogues on the Left*. Verso, 2000.

Julia Barrow. “Developing Definitions of Reform in the Church in the Ninth and Tenth Centuries”, em *Italy and Early Medieval Europe: Papers for Chris Wickham*, editado por Ross Balzaretti, Julia Barrow e Patricia Skinner. Oxford University Press, 2018.

Julia Barrow. “Ideas and applications of reform”, em *The Cambridge History of Christianity. 3: Early Medieval Christianities, c.600-c.1100*, editado por Thomas F. X. Noble & Julia Smith. Cambridge University Press, 2008.

Julie Mell. “Cultural Meanings of Money in Medieval Ashkenaz: on gift, profit, and value in Medieval Judaism and Christianity”, *Jew History*, 28 (2014), 125-158.

Justo González. *Faith & Wealth: a history of Early Christians ideas on the origin, significance, and use of Money*. Harper & Row, Oxford University Press, 1990.

Karl Augustin Frech. “Lothringer in Rom in der Zeit der ‘Deutschen’ Päpste”, em *Lotharingen und das Papsttum im Früh- und Hochmittelalter*, editado por Klaus Herbers e Harald Müller. Walter de Gruyter GmbH, 2017.

Karl Morrison. *The Mimetic Tradition of Reform in the West*. Princeton University Press, 1982.

Kathleen C. Cushing. *Reform and the Papacy in the Eleventh Century: spirituality and social change*. Manchester University Press, 2005.

Kriston Rennie. *Law and Practice in the Age of Reform: the legatine work of Hugh of Die (1073-1106)*. Brepols, 2010.

Leandro Duarte Rust. “A ‘corrupção’ na escrita da História Medieval: os desafios de um efeito de sustentação discursiva”, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 15, n. 38 (2022), 201-230.

Leandro Duarte Rust. “A Santidade Enfurecida: monges e bispos medievais em uma disputa pelas emoções públicas”, *Medievalista*, 28 (2020), 279-310.

Leandro Duarte Rust. “Homo Corruptus: Por uma história política de *Libri Tres Adversus Simoniacos* (c.1058)”, *Antíteses*, 15, n. 29 (2022), 98-127.

Leandro Duarte Rust. “Inventando Gregório VII: os ‘Ad Heinricum IV Imperatorem libri VII’ e a busca pela medida do passado”, *Varia Historia*, 31, n. 55 (2015), 21-51.

Leandro Duarte Rust. *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de um conceito*. EdUFMT, 2013.

Leandro Duarte Rust. *Bispos Guerreiros: violência e fé antes das cruzadas*. Vozes, 2018.

Leandro Duarte Rust. *Colunas de São Pedro: a política papal na Idade Média Central*. Annablume, 2011.

Leandro Duarte Rust. *O Homem que foi Três Vezes Papa: corrupção e poder na Idade Média*. Vozes, 2023.

Leo Santifaller. “Saggio di un elenco dei funzionari, impiegati e scrittori della cancelleria pontificia dall’inizio all’anno 1099”, *Bullettino del’Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*, 56, (1940), 1-865.

Lester Knox Little. “Pride Goes before Avarice: Social Change and the Vices in Latin Christendom”, *The American Historical Review*, 76, n. 1 (1971), 16-49.

Lester Knox Little. *Religious Poverty and the Profit Economy in Medieval Europe*. Cornell University Press, 1978.

Lioba Geis. “Kirchenrechtliche Norm und Diozesane Praxis: strategien des umgangs mit simonie in fruhen 11. Jahrhundert”, em *Jenseits des Königshofs: bischöfe und ihre diözesen im Nachkarolingischen Ostfränkisch-Deutschen Reich (850-1100)*, editado por Andreas Bihrer e Stephan Bruhn. De Gruyter, 2019.

Lioba Geis. “The battle against simony in Norman Italy: perceptions, interpretations, measures and consequences”, em *Rethinking Norman Italy: Studies in Honour of Graham Anthony Loud*, editado por Joanna Drell e Paul Oldfield. Manchester University Press, 2021.

Lisa Hill. “Conceptions of Political Corruption in Ancient Athens and Rome”, *History of Political Thought*, 34, n. 4 (2013), 565-587.

Lorenzo Tabarrini. *The Countryside of Florence and Lucca during the High Middle Ages (11th-13th Centuries): a study on land management and its change*. Tese de Doutorado, Oxford University, 2019.

Lucia Travani. "Coins as Bread. Bread as Coins", *The Numismatic Chronicle*, 173 (2013), 187-200.

Lucy Koechlin. *Corruption as an Empty Signifier: politics and political order in Africa*. Brill, 2013.

Luigi Canetti. "Christian Gift and Gift Exchange between Late Antiquity and the Early Middle Ages", em *Gift-Giving and the 'Embedded' Economy in the Ancient World*, editado por Filippo Carlà e Maja Gori. Akademie der Wissenschaften, 2014.

Manuel Ganarin. "Simonia e Gratuità delle 'Res Spirituales' nel Diritto della Chiesa e nel Magistero di Dante tra Storia e attualità", em *Dante e Diritto: un cammino tra storia e attualità*, editado por Federico Casolari, Alessia Legnani Annichini e Giorgio Spedicato. Mucchi Editore, 2002.

Marc Bloch. *Esquisse d'une Histoire Monétaire de l'Europe*. Ed. Armand Colin, 1954.

Maria Lodovica Arduini. "Interventu precii: Gregorio VII e il problema della simonia come eresia. Per una interpretazione metodológica", *Studi Gregoriani*, 14 (1991), 103-120.

Maria Vezzoni. "La centralità della tematica delle 'res ecclesiae' nelle opere dei libellisti di XI secolo: fra elaborazione teorica e azione politica", *EuroStudium*, 56 (2021), 305-318.

Maria Vezzoni. *Alessandro II (1061-1073): reti politiche e prassi di governo di un pontefice liminare*. Tese de Doutorado, Università di Torino, 2019.

Martha Bayless. *Sin and Filth in Medieval Culture: The Devil in the Latrine*. Routledge, 2012.

Martin Wangsgaard Jürgensen. "Pious gifts: coins and church interior", em *Coins in Churches: archeology, money and religious devotion in Medieval Northern Europe*, editado por Svein H. Gulbekk, Christoph Kilger, Steinar Kristensen e Hakon Roland. Routledge, 2021.

Mary Stroll. *Popes and Antipopes: the politics of Eleventh Century Church Reform*. Brill, 2012.

Michael Frassetto, ed. *Medieval Purity and Piety: essays on medieval clerical celibacy and religious reform*. Garland Publishing, 1998.

Michel Pêcheux. *Semântica e Discurso*. EdUnicamp, 2009.

Michele Renee Salzmänn. “Simony and the State: politics and religion in the Later Roman Empire”, em *Late Antique Studies in Memory of Alan Cameron*, editado por William Vernon Harris e Anne Hunnell Chen. Brill, 2021.

Mihai Vasile Olaru. “Notes on the Historical Study of Corruption”, *Studia Universitatis Babes-Bolyai – Historia*, 68, n. 1 (2023), 115-130.

Miriam Griffin. “Dignity in Roman and Stoic Thought”, em *Dignity: a history*, editado por Remy Debes. Oxford University Press, 2017.

Neil Coffee. *Gift and Gain: how Money transformed Ancient Rome*. Oxford University Press, 2017.

Nicolangelo D’Acunto. “Deconstructing/Reconstructing Papal Reform”, em *Rethinking Reform in the Latin West: 10th to Early 12th Century*, editado por Steven Vanderputten. Brill, 2023.

Nicolangelo D’Acunto. “Il monachesimo riformato nell’Italia centro-setten-
trionale dei secoli XI e XII”, *Fragmentaria. Studi di Storia Culturale e An-
tropologia Religiosa*, 8 (2024), 13-24.

Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, ed. *Dicionário de Política* EdUnB, 2024.

Oliver Münsch. “Ein Streitschriftfragment zur Simonie”, *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters*, 62 (2006), 619-627.

Ovidio Capitani. *Tradizione ed Interpretazione: dialettiche ecclesiologie del sec. XI*. Jouvence, 1990.

Pascal Montaubin. “Simonie”, em *Dictionnaire du Moyen Âge*, dirigido por Claude Gauvard, Alain de Libera e Michel Zink. PUF, 2002.

Patrick Henriët e Isabelle Rosé. “L’Epistola Widonis: traité anti-simoniaque restitué à Gui d’Arezzo”, *Revue Mabillon*, 33 (2022), 55-71.

Patrick Henriët. “En quoi peut-on parler d’une spiritualité de la Réforme grégorienne?” *Revue d’Histoire de l’Église de France*, 96 (2010), 71-91.

Peter Adamson. *Medieval Philosophy*. Oxford University Press, 2019.

Peter Borwn. *Through the eye of a Needle: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD*. Princeton University Press, 2012.

Philippe Buc. *Holy War, Martyrdom, and Terror: Christianity, violence, and the West, ca. 70 C.E. to the Iraq War*. University of Pennsylvania Press, 2015.

Pierre Bourdieu. *Economia das Trocas Simbólicas*. Editora Perspectiva, 1998.

Raffaele Savigni. "La Signoria Vescovile Lucchese tra XI e XII Secolo: consolidamento patrimoniale e primi rapporti con la classe dirigente cittadina", *Aevum*, 67, n. 2 (1993), 333-367.

Raffaele Savigni. "Rapporti vassallatico-beneficiari, lessico feudale e 'militia' a Lucca (s. XII-XIII): primi sondaggi", em *Praeterita Facta: scritti in onore di Amleto Spicciati*, editado por Alessandro Merlo e Emanuele Pellegrini. ETS, 2006.

Raoul Naz. "Simonie", em *Dictionnaire de Droit Canonique* editado por Raoul Naz. Librairie Letouzey et Ané, 1958.

Raphaël Guesuraga. "Figurer l'hérésie simoniaque et la fornication cléricale: le programme grégorien de la Porte des Comtes à Toulouse", *Cahiers de Civilisation Médiévale*, 259 (2002), 221-258.

Raphaël Guesuraga. "L'homme aux dragons et l'hérésie simoniaque", *Revue d'Auvergne*, 614 (2015), 83-109.

Réginald Grégoire. "I dialoghi di Desiderio abate di Montecassino († 1087)", em *L'Età dell'Abate Desiderio. 3/1: storia, arte e cultura. Atti del IV convegno di studi sul medioevo meridionale*, editado por Faustino Avagliano e Oronzo Pecere. Publ. Cassinesi, 1992.

Robert Ian Moore. "Family, Community and Cult on the Eve of the Gregorian Reform", *Transactions of the Royal Historical Society*, 5, n. 30 (1980), 49-69.

Robert Ian Moore. "The Eleventh Century in Eurasian History", *Journal of Medieval and Early Modern Studies* 33, n. 1 (2003), 1-21.

Robert Ian Moore. *The First European Revolution, c.970-1215*. Blackwell Publishing, 2000.

Roberta Rizzo. “Papa Gregorio Magno e la Simoniaca haeresis”, *Augustinianum*, 53 (2013), 195-229.

Roman Deutinger. “Simonisten rechtfertigen sich: Mittelalterliche Antworten auf den Vorwurf von Simonie”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 120 (2009), 145-159.

Ronald Kroeze, André Vitória e Guy Geltner, ed. *Anticorruption in History: from Antiquity to the Modern Era*. Oxford University Press, 2018.

Rory Naismith. *Making Money in The Early Middle Ages*. Princeton University Press, 2023.

Rudolf Schieffer. “Geistliches Amt und schnöder Mammon: Zur Bewertung der Simonie im hohen Mittelalter”, *Vorträge und Forschungen: Mediaevalia Augiensia*, 54 (2001), 359-374.

Rudolf Schieffer. “Simonie”, em *Theologische Realenzyklopädie* editado por Horst Balz et alii. Walter de Gruyter, 2000, 31.

Rudolf Schieffer. “Spirituales latrones. Zu den Hintergründen der Simonieprozesse in Deutschland zwischen 1069 und 1075”, *Historisches Jahrbuch*, 92 (1972), 19-60.

Sandra Thompson. “‘Subordination’ and narrative event structure”, em *Coherence and Grounding in Discourse*, editado por Tomlin Schenck Russell. John Benjamins Publishing, 1987.

Sita Steckel. “Historicizing the Religious Field: adapting theories of the religious field for the study of Medieval and Early Modern Europe”, *Church History and Religious Culture*, 99, n. 3/4 (2019), 331-370.

Steven Vanderputten. “Pope Leo IX and the (Quasi-) Canonization St. Deodatus (1049): hagiography, papal politics, and local competition at the Collegiate Chapter of Saint-Dié”, *Revue d'Histoire Ecclesiastique*, 117, n. 3-4 (2022), 584-619.

Thiago Juarez Ribeiro Silva. “O cuidado do ‘pobre’ entre os séculos VIII e X: uma questão política ‘global’?” *Revista de História (São Paulo)*, 179 (2020), 1-34.

Timothy Reuter, “Gifts and Simony”, em *Medieval Transformations: texts, power, and gifts in context*, editado por Esther Cohen e Mayke De Jong. Brill, 2001.

Valerie Jean Piro. *Becoming Poor: Situations of Poverty in the Early Medieval West*. Tese de Doutorado, Princeton University, 2025.

Werner Goez. “Riforma ecclesiastica – Riforma gregoriana”, *Studi Gregoriani*, 13 (1989), 167-178.

Wilfried Hartmann. “Toleranz im Investiturstreit”, *Vorträge und Forschungen: Toleranz im Mittelalter*, 45 (1998), 27-51.

William McCready. “Dating the Dialogues of Abbot Desiderius of Montecassino”, *Revue Bénédictine*, 108, n. 1-2, (1998), 145-168.

Yuzuru Hashiba. “Athenian bribery reconsidered: some legal aspects”, *The Cambridge Classical Journal*, 52 (2006), 62-80.

Recebido em 29 de setembro de 2025

Aprovado em 23 de outubro de 2025